



70 ANOS

# MINISTÉRIO

UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

SET-OUT.2024

## PEDRAS QUE FALAM

O "XYZ" do  
discipulado

A batalha final

Um santuário no  
espaço-tempo



# PÓ, ARGILA E OSSOS



**Milton Andrade**  
editor da revista  
*Ministério*

**Bíblia, púlpito, caixa de som e projetor: esses foram os instrumentos** usados na série de evangelismo que realizei em um dos distritos em que fui pastor. Naquelas noites frias, éramos aquecidos pela Palavra e pelo chá de erva-doce oferecido após o culto. No telão, além de apresentar alguns textos bíblicos, fiz questão de mostrar imagens dos lugares em que Jesus passou e objetos daquela época. A estratégia era aproximar os interessados do contexto histórico e cultural da Bíblia. A ideia deu certo. No fim do evangelismo, pela graça de Deus, tivemos várias decisões pelo batismo e a formação de um novo grupo.

Certamente, a maioria das pessoas nunca fará uma viagem a Israel, Egito ou Roma para conhecer os lugares mencionados na Bíblia. Ainda mais impossível seria “viajar” para o passado e obter informações sobre o estilo de vida de civilizações milenares, como a babilônica ou a persa. No entanto, com o advento da arqueologia há cerca de dois séculos e a disseminação de informações sobre o assunto, é possível conhecer até mesmo detalhes do estilo de vida de muitos povos antigos.

As pesquisas arqueológicas reeditaram a história e “deram voz” às pedras e pedaços de cerâmica. Hoje sabemos como esses povos da antiguidade se vestiam, o que comiam, como passavam seus dias e que tipo de móveis, instrumentos musicais e armas utilizavam. Também nos familiarizamos com suas esperanças e temores, crenças e conceitos que influenciaram sua vida desde o nascimento até a morte. Muitos monumentos, antes cobertos de pó e escombros, agora lançam luz sobre as Escrituras e confirmam diversos eventos históricos.

Esta edição da *Ministério* abordará como a arqueologia tem confirmado o texto sagrado e de que maneiras um pastor pode utilizar essa ferramenta em seus sermões, estudos bíblicos e no seu relacionamento com Deus. É evidente que a arqueologia não pode determinar conceitos doutrinários como a divindade de Cristo ou a futura ressurreição dos mortos, pois esses elementos demandam fé. Porém, se a história apresentada pela Bíblia for verdadeira, a teologia que a sustenta também será. O professor e arqueólogo Rodrigo Silva escreveu: “O Altíssimo poderia ter usado grandes e variadas descobertas para dar testemunho de Si, mas Ele é tão grandioso que precisou apenas

de alguns pequenos cacos de cerâmica para silenciar os críticos de Sua Palavra” (*Escavando a Verdade* [CPB, 2017], p.174).

No entanto, alguns mitos precisam ser desconstruídos. A arqueologia não é um processo rápido ou mirabolante, como nos filmes de *Indiana Jones*, mas é um esforço coletivo, minucioso e multidisciplinar que envolve ceramistas, filólogos, numismatas, geólogos, entre outros especialistas. Além disso, muitos artefatos que confirmam a história bíblica não foram descobertos por “arqueólogos bíblicos” que tentaram provar as Escrituras. A Estela de Tel Dan e o anel de sinete de Pilatos, por exemplo, foram encontrados por arqueólogos não

diretamente ligados à pesquisa bíblica, o que atesta a confiabilidade da Palavra de Deus como fonte de informação histórica.

A arqueologia é uma excelente ferramenta de ilustração, contextualização e comprovação das Escrituras. Explore-a! E que o Arqueólogo de corações o ajude a reavivar a fé daqueles que estão soterrados sob os escombros do pecado. Lembre-se de que Deus é especialista em trabalhar com pó, argila e ossos.

*Mudanças na equipe editorial.* Damos as boas-vindas ao pastor Márcio Tonetti, novo editor associado da *Ministério*. ■

“  
**A arqueologia  
é uma excelente  
ferramenta  
de ilustração,  
contextualização  
e comprovação  
das Escrituras.**  
”



# 8

## Tesouros descobertos

Carina Prestes



# 16

## Um santuário no espaço-tempo

André Vasconcelos



# 12

## O "XYZ" do discipulado

Márcio Tonetti

# 20

## Cura pela Palavra

Joabe Soares

Moisés Soares



# 24

## A batalha final

Marcos De Benedicto



# 29

## A didática de Cristo

Eduardo Franco



## S U M Á R I O

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	32
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

## MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 96 – Número 575 – Set/Out 2024  
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade  
Editor Associado Márcio Tonetti  
Revisora Rose Santos

Editor de Arte Thiago Lobo  
Projeto Gráfico Fernando De Lima  
Capa Adobe Stock

Ministério na Internet

www.ministeriopastoral.com.br  
@revistaministerio  
@revistaministerio  
@MinisterioBRA  
ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suárez;  
Marcos Blanco; Walter Steger; Eric Richter;  
Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor;  
Alvaro Cáceres; Claudiney Santos; Edison Choque;  
Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco  
Abdoval; Javier López; José Wilson; Juan Vargas;  
Guilherme Delgado; Levino Oliveira; Luciano  
Salviano; Marcelo Carvalho; Milton Mayo; Raldes  
Nascimento.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106  
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Uilson Garcia  
Diretor Financeiro Diego Lottermann  
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente

Ligue Grátis: 0800 979 06 06  
Segunda a quinta, das 8h às 20h  
Sexta, das 7h30 às 15h45  
Domingo, das 8h30 às 14h  
Site: www.cpb.com.br  
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 102,00  
Exemplar Avulso: R\$ 20,90



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.



f @ x /cpbeditora

CPB.COM.BR



## Os melhores livros para toda a família

LIGUE GRÁTIS  
**0800-9790606**  
de telefone fixo ou celular

PEÇA PELO  
WHATSAPP  
**15 98100-5073**

VISITE UMA DE NOSSAS  
**20 LIVRARIAS**  
espalhadas pelo Brasil



Acesse e confira a  
livraria mais próxima

# Escreva para a MINISTÉRIO

 [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

**Aa** Utilize fonte **Arial**, tamanho **12**, espaço 1,5

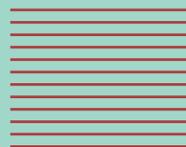
<sup>1</sup>Ranko Stefanovic, *Plain Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2013), p. 46. Insira **notas** de fim de texto



Use a versão bíblica **NAA**



**Envie** uma foto pessoal em alta resolução



Escreva textos de **8 mil** até **12 mil** caracteres com espaços

### Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja



**Lucas Alves**  
secretário ministerial  
para a Igreja Adventista  
na América do Sul

# O PODER DA DISCIPLINA

**As grandes conquistas e empreendimentos humanos são geralmente fruto de muito trabalho e de uma vida extremamente disciplinada, que anda de mãos dadas com a perseverança.** A história está cheia de pessoas que tentaram muitas vezes e nunca desistiram; por isso, seus nomes nunca foram esquecidos. Desde Alexandre, o Grande, a Benjamin Franklin, a galeria é vasta e marcada por dedicação e renúncia em muitas ocasiões. Sem dúvidas, a disciplina faz uma enorme diferença na vida de alguém que busca ser bem-sucedido, sendo fundamental para um ministro, em virtude da causa que defende.

Disciplina é uma palavra que precisa ser bem compreendida. Quando descrita em termos de colaboradores e organização, ela se refere “à condição em que as pessoas conduzem a si próprias de acordo com as regras e os procedimentos em um comportamento aceitável pela organização e por todos. É a autodisciplina ou o autocontrole, ou seja, o controle exercido pela própria pessoa envolvida, sem necessidade de ação ou monitoramento externo” (Idalberto Chiavenato, *Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações*, p. 383). Além disso, em um caráter mais pessoal, esse termo pode ser compreendido como a capacidade de manter-se firme em um objetivo ou meta, mesmo em meio às adversidades.

Em seu livro *La Disciplina Marcará Tu Destino* (Conecta, 2022), Ryan Holiday afirma que, “com disciplina, não só tudo é possível, mas tudo também fica melhor” (p. 13). De fato, é possível conquistar muito e com qualidade se as pessoas se mantiverem fixas em suas metas e fiéis aos seus objetivos. O esforço contínuo garante um grau de merecimento muito maior do que apenas o talento pode oferecer. É óbvio que o talento em qualquer profissão é importante, mas o interesse pelo desenvolvimento diário em todos os aspectos da vida por meio da disciplina é fundamental. Se desejamos ser mais úteis, devemos ser mais disciplinados. Ellen White afirmou: “Todos os que se preparam para a utilidade nesta vida têm de ser educados pela mais severa disciplina, mental e moral, e então Deus os ajudará, combinando com o esforço humano o poder divino” (*Testemunhos Para a Igreja* [CPB, 2021], v. 4, p. 536).

Se você deseja servir com qualidade como ministro, precisa enxergar na disciplina a base para seu desenvolvimento pessoal. De maneira prática: cumpra seus horários, conclua o livro que começou a ler, siga seu planejamento de trabalho, continue firme em seus estudos, persevere no cuidado do seu corpo e não abra mão de seu relacionamento com Deus. Tudo isso tem a ver com uma palavra: disciplina.

Nosso modelo de vida e ministério é Cristo. Nele aprendemos a ter uma vida equilibrada, ousada e disciplinada. A serva do Senhor escreveu: “Ao longo de Sua existência terrestre, Jesus foi um ativo e constante trabalhador. Esperava muito resultado; portanto, empreendia muito. [...] Jesus

não se esquivava de preocupações e responsabilidades [...]. O otimismo e a energia, a solidez e a resistência de caráter manifestados em Cristo têm de se desenvolver em nós por meio da mesma disciplina que Ele suportou. Desse modo, teremos a mesma graça recebida por Ele” (*O Desejado de Todas as Nações* [CPB, 2021], p. 49). Todo pastor que praticar a disciplina também receberá a graça para servir com qualidade e poder. ■

“  
**Se desejamos  
ser mais úteis,  
devemos ser mais  
disciplinados.**”



# DECIFRANDO O PASSADO

Investigar profundamente o texto bíblico, utilizando a arqueologia e a teologia como ferramentas, é o trabalho ao qual o pastor Luiz Gustavo Assis se dedica. Graduado em Teologia pelo Unasp, ele iniciou seu ministério como pastor distrital e depois migrou para o mundo acadêmico. Mestre em Arqueologia e Línguas Semíticas pela Universidade Internacional Trinity e doutorando em Bíblia Hebraica pelo Boston College, nos Estados Unidos, Luiz Gustavo é um estudioso de idiomas e culturas que ajudam a ampliar os horizontes de compreensão do Antigo Testamento. Também teve a oportunidade de participar de escavações na Jordânia e de conhecer as terras bíblicas. Nesta edição, ele fala sobre descobertas recentes, debates atuais, a relevância da arqueologia para o ministério pastoral e como ela pode ajudar as pessoas a explorar o tesouro que não está enterrado em nenhum sítio arqueológico do Oriente Médio, mas que se encontra diante de todos nós: a Bíblia Sagrada.

**Quais são alguns dos achados arqueológicos recentes mais significativos que confirmam eventos ou personagens mencionados na Bíblia?**

Uma das descobertas mais importantes dos últimos anos envolveu 200 tabletes de argila que registram o dia a dia dos judeus que viveram no sul da Mesopotâmia durante o exílio babilônico (séculos 6 e 5 a.C.). Os documentos foram produzidos numa comunidade chamada, em acádio, de Al Yahudu ("cidade dos judeus"). Esses documentos detalham inúmeras atividades mercantis, contratuais e jurídicas dos judeus contemporâneos de personagens como Ezequiel, Daniel, Zorobabel, Ageu e Zacarias. Embora nenhum desses personagens seja mencionado, os artefatos ilustram bem como a comunidade judaica vivia na Babilônia. Nos últimos anos, também foram realizadas mais escavações no sítio de El-Araj, nas margens do Mar da Galileia, o que solidificou a ideia de que esse sítio seja o local de Betsaida, cidade natal de alguns dos principais discípulos de Jesus. Recentemente, em Jerusalém, também foi encontrada uma inscrição que



utiliza o alfabeto e o idioma do antigo reino de Sabá, no sul da península arábica. A inscrição é do século 10 a.C., praticamente o mesmo período da famosa história de Salomão com a rainha de Sabá (1Rs10).

**Quais regiões específicas do mundo bíblico estão sendo mais exploradas pelos arqueólogos atualmente?**

Os principais trabalhos arqueológicos continuam sendo realizados em Israel e na Jordânia, onde voluntários e pesquisadores de várias partes do mundo trabalham juntos. Em outras partes do Oriente Médio, a

**"Na história, é importante valorizar informações textuais, além dos registros arqueológicos."**

situação é diferente. A guerra civil na Síria, que dura mais de uma década, suspendeu indefinidamente as escavações em andamento. No Iraque, especialmente nas províncias curdas, há poucas escavações ativas.

**Quais são os debates mais relevantes entre estudiosos da arqueologia bíblica hoje e como essas controvérsias têm influenciado na interpretação das Escrituras?**

Dois dos principais tópicos são a origem dos israelitas e a existência do reino de Israel nos tempos de Davi e Salomão. Ambos os assuntos dependem de como os acadêmicos utilizam informações do texto bíblico em suas pesquisas arqueológicas e históricas. Quanto ao primeiro, a maioria dos acadêmicos acredita que os israelitas sempre estiveram em Canaã, pois não há diferenças significativas entre os restos deixados por cananeus e israelitas, o que aparentemente contraria a versão bíblica da saída do Egito e entrada em Canaã. No entanto, há uma limitação em usar apenas o registro arqueológico nessas discussões. Por exemplo, cerca de 2000 a.C., um grupo semita amorreu "invadiu" a região de Ur, no sul da Mesopotâmia. Muitos textos mencionam essa migração, mas as escavações não revelam traços dessa nova cultura em Ur. Se não fosse pelos textos, não saberíamos da presença dos amorreus ali. Na história, é importante valorizar informações textuais, além dos registros arqueológicos.

**Diante da proliferação de notícias falsas, como podemos verificar a autenticidade de relatos sobre novas descobertas arqueológicas?**

Vivemos na era do sensacionalismo digital, que busca *likes* e compartilhamentos. Para evitar cair em falsas notícias, siga alguns passos. Primeiro, verifique o nome do especialista ou da instituição relacionada à descoberta, avaliando sua confiabilidade. Em seguida, observe a reação da comunidade científica/acadêmica, procurando publicações em

**"É essencial usar fotos de lugares e imagens de objetos descritos na história sagrada ao falar sobre pessoas, eventos e lugares da Bíblia."**

periódicos indexados, não apenas em sites de notícias. Por exemplo, recentemente, um professor israelense da Universidade de Haifa afirmou ter decifrado a inscrição hebraica mais antiga (1400 a.C.) em um artefato encontrado em um altar no monte Ebal, mencionado em Deuteronômio. Após meses de matérias sensacionalistas, uma análise mais acurada mostrou que, na realidade, tratava-se de um objeto comum que não trazia nenhuma escrita discernível. Infelizmente, muitos grupos cristãos promoveram a descoberta, esperando que ela validasse a confiabilidade histórica da Bíblia.

**Como os pastores podem utilizar descobertas arqueológicas em seus sermões e estudos bíblicos?**

Estamos enfrentando uma crise de analfabetismo bíblico em nossas igrejas. Além disso, vivemos em uma sociedade que prioriza o visual e tem uma capacidade limitada de atenção. Portanto, é essencial usar fotos de lugares e imagens de objetos descritos na história sagrada ao falar sobre pessoas, eventos e lugares da Bíblia. Isso não apenas ajuda a manter a atenção dos adoradores ou participantes de uma classe bíblica/pequeno grupo, mas também proporciona ensinamentos mais profundos sobre passagens conhecidas. Recomendo plataformas importantes como bibleplaces.com, que possui uma vasta coleção de imagens e apresentações em PowerPoint sobre diversas partes das Escrituras.

**De que maneira a arqueologia tem contribuído para esclarecer supostas contradições na narrativa bíblica, como discrepâncias em datas, localizações ou descrições de eventos?**

Um dos benefícios de uma leitura contextual das Escrituras, levando em conta a cultura em que foram produzidas, é perceber como os autores bíblicos faziam uma leitura teológica dos eventos registrados. Embora a Bíblia não tenha sido escrita como um livro de história ou geografia, muitos eventos bíblicos se alinham com o que sabemos do mundo antigo. No entanto, a interpretação desses eventos é singular nas páginas sagradas. Por exemplo, tanto a Bíblia (2Cr 12:1-5) quanto os registros egípcios confirmam que o faraó Sisaque invadiu o reino de Judá no quinto ano do seu reinado (925 a.C.). O autor bíblico menciona até as tropas de mercenários que Sisaque contratou para o ataque. No entanto, a invasão é explicada como uma punição de Yahweh por Judá ter se esquecido Dele, e não como uma tentativa do Egito de expandir suas fronteiras, como Sisaque explica. O relato bíblico não contradiz a documentação egípcia. Porém, para o autor bíblico, Deus trabalha nos bastidores dos eventos da história da humanidade. É importante lembrar disso ao ler a Bíblia. ■



# TESOUROS DESCOBERTOS

A arqueologia e a  
proclamação final do  
evangelho

A missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de acordo com Apocalipse 14:6 e 7, é proclamar o evangelho eterno a todo o mundo. Como esse evangelho se encontra na Palavra de Deus, utilizamos as Escrituras para compartilhar nossa fé. No entanto, muitos não acreditam que a Bíblia seja um livro inspirado. Alguns pensam que ela foi adulterada inúmeras vezes ao longo dos séculos. Outros questionam a confiabilidade histórica dos relatos bíblicos, considerando-os mitos. Esses questionamentos minam a confiança na Bíblia como a Palavra de Deus. Então, como podemos compartilhar as Escrituras com aqueles que duvidam de sua credibilidade?

O desafio surge quando a Bíblia deixa de ser vista como um livro histórico e passa a ser considerada uma mera coleção de lendas, perdendo sua função de bússola moral e manual para a vida. Com esse pressuposto equivocado, todo o conteúdo bíblico se torna relativo, dependendo apenas do ponto de vista ou interesse pessoal. Nesse cenário de incredulidade e relativismo moral, a historicidade e confiabilidade da Bíblia são pontos fundamentais para a pregação do evangelho. É aqui que a arqueologia bíblica pode ser tremendamente útil. As descobertas arqueológicas feitas nos últimos dois séculos têm contribuído significativamente

para restabelecer a credibilidade do relato bíblico e podem continuar a exercer influência positiva na conclusão da obra que o Senhor nos confiou.

## A arqueologia e a Igreja Adventista

Com base nas profecias do livro de Daniel, a Igreja Adventista tem ensinado que o “tempo do fim” teve início em 1798 (cf. Dn 7:25; 8:19; 12:4). Curiosamente, nesse mesmo ano, as tropas de Napoleão chegaram ao Egito e, em 1799, o exército francês encontrou a Pedra de Roseta, hoje em exposição no Museu Britânico. Esse artefato, datado do segundo século a.C., contém a mesma mensagem em três escritas diferentes: hieróglifos,

demótico e grego. O conhecimento dos hieróglifos havia se perdido ao longo da história, despertando grande curiosidade e interesse em decifrá-los. A Pedra de Roseta, com sua mensagem bilíngue (egípcio e grego) em três escritas (o egípcio havia sido escrito em pictogramas [hieróglifos] e em escrita cursiva [demótico]) parecia ser a chave para desvendar os antigos hieróglifos.

Duas décadas mais tarde, em 1822, Jean-François Champollion finalmente decifrou os pictogramas egípcios da Pedra de Roseta, abrindo caminho para um estudo mais aprofundado da antiga cultura egípcia. Esse achado não só foi crucial para decifrar os hieróglifos antigos, mas também marcou o início da arqueologia moderna, pavimentando o caminho para a arqueologia bíblica. Ou seja, quando o “tempo do fim” da profecia bíblica começou, iniciou-se também o estudo moderno da arqueologia, trazendo grande luz para a compreensão do texto sagrado.

As décadas seguintes foram de grande importância para os desdobramentos proféticos. Vários movimentos intelectuais surgiram ao mesmo tempo. De um lado, Guilherme Miller estava estudando e pregando sobre a breve volta de Jesus, que, em sua interpretação, ocorreria entre 1843 e 1844. Esse movimento, amplamente liderado por Miller, deu origem posteriormente à Igreja Adventista do Sétimo Dia, que tem a missão de proclamar o último convite da graça de Deus ao mundo (Ap 14:6-12).

Por outro lado, manuscritos estavam sendo produzidos e publicados questionando a historicidade do relato bíblico, como *Vestígios da História Natural da Criação* de Robert Chambers (publicado em outubro de 1844), *A Origem das Espécies* de Charles Darwin (publicado em 1859, como resultado dos ensaios produzidos entre 1842 e 1844) e *Prolegômenos à História de Israel* de Julius Wellhausen (publicado em 1878), que atribuía a composição do Pentateuco a diversos autores ao longo de vários séculos.

Providencialmente, o início do tempo do fim foi um período de grandes expedições de países europeus (Inglaterra, Alemanha e França) ao Oriente Médio, resultando em inúmeros achados arqueológicos que corroboraram a historicidade da narrativa bíblica. Por exemplo, a própria cidade da Babilônia, cuja existência antes era questionada junto com a narrativa do livro de Daniel, revelou muitos tesouros arqueológicos após ser escavada entre 1811 e 1917 por diversos arqueólogos. Robert Koldewey foi o primeiro a conduzir escavações científicas de 1899 a 1917, revelando inúmeros tijolos com o nome do rei Nabucodonosor, mencionado nos livros bíblicos de 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jeremias, Ezequiel e Daniel.

Outros exemplos de achados arqueológicos desse período que contribuíram para a defesa da historicidade da Bíblia são o Obelisco Negro, descoberto em 1846 pelo arqueólogo Henry Layard em Nínive, e a Pedra Moabita, encontrada em 1868 por Frederick Augustus Klein, um missionário anglicano, em Dibon. Essas duas inscrições são fontes extra-bíblicas que mencionam nomes de personagens descritos no texto bíblico. O Obelisco Negro cita o rei Jeú de Israel prestando homenagem ao rei Salmaneser III da Assíria (Jeú é descrito em 2 Reis 9 e 10). A Pedra Moabita menciona os nomes Israel e Jeová (YHWH), e a história nela contida também pode ser encontrada em 2 Reis 3.

Portanto, no mesmo período em que alguns autores lançavam dúvidas sobre a historicidade da Palavra de Deus por meio de perspectivas céticas,

ateístas e sincréticas (como a alta crítica e o evolucionismo), uma nova ciência surgia: a arqueologia. Com ela, vários objetos que contribuem para a credibilidade histórica da Bíblia foram encontrados, reforçando a veracidade das narrativas bíblicas.

## Usos da arqueologia

Além de reforçar nossa confiança na historicidade da Bíblia, a arqueologia também revela detalhes da vida cotidiana das pessoas nos tempos bíblicos. Esses achados são mais frequentes e numerosos. Eles nos ajudam a ver como as pessoas viviam, e conseqüentemente, nos ajudam a entender melhor as histórias bíblicas. Os objetos do dia a dia nos mostram como eram as casas dos israelitas, o que comiam, quais eram suas principais ocupações, como eram suas cidades e como produziam e armazenavam alimentos e bebidas. Esses achados tornam as histórias bíblicas mais vívidas. É como se a Bíblia se tornasse multidimensional, com cores, topografia, clima, sons, sabores, cheiros e formas. Esse conhecimento permite que mergulhemos mais profundamente no texto bíblico, proporcionando benefícios significativos em nosso estudo, compreensão e explanação das Escrituras.

A Bíblia foi escrita em três línguas (hebraico, aramaico e grego), e a arqueologia é como se fosse uma “quarta língua” da Bíblia. Assim como ler a Bíblia nas línguas originais nos traz uma percepção mais profunda do texto, a arqueologia nos permite entender melhor as histórias registradas na Bíblia há tanto tempo, em uma cultura muito diferente da nossa.

Além disso, a arqueologia é uma fonte de novas informações sobre o texto sagrado. Como o cânon bíblico já foi fechado há séculos, nenhum texto

ou novos conteúdos podem ser adicionados a ele. Porém, as descobertas arqueológicas trazem novas informações e nos ajudam a colocar esses textos em seu devido contexto. Podemos comparar o papel da arqueologia a um quadro, no qual é apresentada uma figura em primeiro plano e em segundo plano tem o cenário. O texto bíblico é o primeiro plano e a arqueologia, o segundo. Embora o texto bíblico seja suficiente para a instrução religiosa, ao ser compreendido em seu contexto histórico e cultural, ele se torna ainda mais poderoso para se comunicar com uma audiência contemporânea e impactar positivamente vidas.

### **Aplicações equivocadas**

Infelizmente, às vezes a interpretação dos achados arqueológicos é “esticada” para se adequar a um determinado fim que acaba distorcendo o relato arqueológico e o texto bíblico. A arqueologia bíblica deve ser honesta, baseada nos dados disponíveis, e cautelosa em suas afirmações, evitando interpretações que extrapolam as evidências. Além disso, deve permanecer aberta a novos achados que possam apresentar novas nuances às interpretações vigentes.

Um erro muito comum é a descontextualização dos achados arqueológicos. Quando um artefato é analisado fora de seu contexto, há um grande risco de interpretações e conclusões distorcidas ou anacrônicas. Por exemplo, em 2002, um ossuário (caixa funerária usada na Judeia para guardar os ossos de uma pessoa falecida) do primeiro século foi anunciado com a inscrição: “Tiago, filho de José, irmão de Jesus.” Esse achado poderia ser de grande valor para humanidade e a história do Cristianismo, sugerindo ser o ossuário de Tiago, irmão de Jesus, que se tornou o líder da igreja em Jerusalém e autor da carta de Tiago no Novo Testamento. No entanto, devido à procedência questionável e ao contexto desconhecido, a comunidade acadêmica rejeitou sua autenticidade, questionando a datação da inscrição que menciona “irmão de Jesus”. Portanto, um artefato de extrema importância foi descartado por falta de contexto, embora ainda possa ser uma peça autêntica, mas é vista por muitos como uma possível fraude.

### **Achados recentes**

No último século, ocorreram importantes descobertas arqueológicas relacionadas à Bíblia, especialmente ligadas à história mais importante de todos os tempos: a morte de Jesus. Entre esses achados está o Ossuário de Caifás, o sumo sacerdote que julgou Jesus, descoberto em novembro de 1990 por construtores que escavavam uma caverna. Outro artefato que reforçou a credibilidade histórica do Novo Testamento foi uma pedra comemorativa encontrada em Cesareia Marítima em 1961, inscrita com o nome de Pôncio Pilatos, governador da Judeia durante o ministério de Jesus. Até então, a historicidade de Pilatos era ocasionalmente questionada.

Outro objeto que teve um impacto significativo na historicidade do relato sobre a morte de Jesus foi o calcanhar de um homem crucificado. Antes de encontrarem esse osso, os críticos questionavam se os crucificados poderiam ser sepultados, o que levanta dúvidas sobre a precisão do relato bíblico. No entanto, a descoberta do calcanhar de um homem

crucificado que foi posteriormente sepultado mostrou que a crítica baseava-se mais em uma atitude cética em relação ao texto do que em fatos concretos. Até o momento, foram encontrados ossos de calcanhar com perfurações de pregos metálicos e posterior sepultamento de três pessoas que foram crucificadas: a primeira em Israel, em 1968; a segunda na Inglaterra, em 2017; e a terceira na Itália, cuja descoberta foi anunciada em 2018 (e escavada em 2007).

Em 2023, uma equipe do Departamento de Antiguidades da Universidade Sapienza de Roma investigou e restaurou a capela dentro da Igreja do Santo Sepulcro, localizada em cima do lugar em que se acredita que Jesus foi sepultado. Ao abrir essa capela, os arqueólogos investigaram as diversas restaurações e construções, concluindo que o revestimento mais antigo do chamado “túmulo de Cristo” pode ser datado do reinado de Constantino (306-337 d.C.), o que concorda com os escritos dos peregrinos e pais da igreja dos primeiros séculos. Portanto, esse é o lugar mais provável até hoje para o sepultamento de Jesus.

Em 2022, Gershon Galil, professor da Universidade de Haifa, em Israel, anunciou a identificação de cinco inscrições reais do rei Ezequias, datadas de 709 a.C. No texto, há algumas expressões que são citações diretas do texto bíblico, como: “Ezequias, filho de Acáz, rei de Judá” (2Rs 18:1), “fez o tanque e o aqueduto” (20:20), “trouxe água para dentro da cidade” (20:20). Essas são as inscrições mais antigas citando o Antigo Testamento achadas até hoje. Elas trazem detalhes que confirmam o relato de como o rei Ezequias se preparou para o ataque do rei assírio Senaqueribe.

### **Uma experiência pessoal**

Sem dúvida, o maior achado arqueológico do século 20 são os Manuscritos do Mar Morto. Eles foram primeiramente

encontrados em 1946 por dois pastores beduínos enquanto procuravam uma ovelha perdida na região das cavernas às margens do Mar Morto. Posteriormente, as autoridades locais buscaram por mais rolos nas outras cavernas da região e encontraram mais manuscritos e fragmentos do texto sagrado. Foram achados fragmentos de todos os livros do Antigo Testamento, exceto o livro de Ester, datados de 300 a.C. até 70 d.C. O mais impressionante é que esses textos são praticamente iguais aos da Bíblia Hebraica (Antigo Testamento) que temos hoje. Ou seja, podemos confiar que o texto sagrado foi transmitido fielmente ao longo dos séculos.

Os Manuscritos do Mar Morto são uma poderosa evidência da confiabilidade do texto bíblico para as novas gerações. Eu pude testemunhar isso diretamente em sala de aula. Certa vez, durante uma aula de Ensino Religioso, perguntei aos alunos o que pensavam sobre a Bíblia. Uma aluna expressou abertamente sua desconfiança, argumentando que, por ser um livro muito antigo, poderia ser adulterado ao longo dos séculos. Naquela mesma aula, falei sobre os Manuscritos do Mar Morto. Ao longo das semanas e meses seguintes, observei uma transformação nessa aluna. O conhecimento sobre os Manuscritos do Mar Morto ajudou a mudar sua atitude em relação à Palavra de Deus. Ao final do semestre, ela não só participava ativamente das aulas, mas também procurava conversar comigo sobre o assunto. Fiquei muito satisfeita e grata a Deus por ter visto o impacto positivo de compartilhar a história da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto e sua relevância com aquele grupo de universitários. Imagino o bem que esse conhecimento poderia trazer se fosse mais amplamente divulgado e conhecido.

### **O adventismo e o futuro da arqueologia**

A Igreja Adventista tem uma longa tradição em Arqueologia Bíblica. Na década de 1960, a Universidade Andrews iniciou um projeto em Tell Hesban, na Jordânia, que posteriormente cresceu e se tornou conhecido como Madaba Plains Project (MPP). O objetivo da equipe da Andrews era encontrar evidências da conquista da Terra Prometida pelos israelitas seguindo o êxodo do Egito, além de estabelecer uma datação mais precisa para esses eventos. No entanto, depois de algumas temporadas de escavação, eles perceberam que aquele sítio arqueológico não possuía camadas de ocupação do período do êxodo. Em vez de manipular os resultados para ajustá-los a uma narrativa desejável, os pesquisadores foram honestos em

### **Congresso Internacional de Arqueologia**

Vendo o potencial evangelístico da arqueologia bíblica, o Unasp, em parceria com a Universidade Andrews, está organizando o 1º Congresso Internacional de Arqueologia e Ciências Bíblicas, que será realizado presencialmente nos dias 30 de outubro a 3 de novembro. Diversos palestrantes internacionais estarão presentes, como a doutora Jodi Magness, arqueóloga e professora da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, o doutor Randall W. Younker, diretor do programa de Arqueologia Bíblica da Universidade Andrews, e o doutor John Reeve, diretor dos programas doutorais do Seminário Teológico na mesma instituição. Além desses, professores de diversas instituições de ensino superior do Brasil e de outros países da América do Sul também apresentarão suas comunicações. Os participantes do congresso poderão fazer visitas guiadas ao MAB, participar de oficinas, assistir a um culto de pôr do sol de sexta-feira no Jardim da Bíblia e apreciar um concerto musical especial no sábado à noite.

seus relatórios, declarando abertamente que não encontraram evidências de ocupação naquele sítio arqueológico datando do período do êxodo. Essa honestidade fez com que a arqueologia adventista fosse respeitada como uma referência em método e seriedade de pesquisa. O projeto MPP continua ativo e forte na Jordânia até os dias de hoje.

Aqui na América do Sul, desde 1996, já tínhamos o Museu de Arqueologia Paulo Bork. Nos últimos anos, o doutor Rodrigo Silva tem desempenhado um papel fundamental no avanço do conhecimento e na divulgação da arqueologia bíblica. Em novembro de 2023, foi inaugurado o Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) no Unasp, em Engenheiro Coelho. Esse museu tem sido uma bênção para o campus e para o avanço do conhecimento teológico no Brasil. Recebe cerca de 10 mil visitantes por mês, sendo os domingos os dias mais movimentados. É comum recebermos ônibus e vans com grupos que vêm ao Unasp apenas para visitar o museu. Os alunos também demonstram grande apreço pelas aulas ministradas no local.

A visitação ao MAB é uma grande oportunidade para a nossa comunidade cristã aprofundar seu conhecimento da Bíblia como a Palavra de Deus e uma fonte histórica confiável. O conhecimento adquirido pode ser uma poderosa ferramenta para o evangelismo, abrindo corações para a mensagem divina e transformando vidas. ■



# O “XYZ” DO DISCIPULADO

Como a igreja na América  
 do Sul quer engajar  
 a juventude

**M**anter as novas gerações engajadas tem sido um grande desafio para todas as denominações. Vivemos numa época em que a igreja é muitas vezes rotulada como superficial e incoerente. Oferecer respostas à cultura do nosso tempo e lidar com a desconfiança em relação às instituições demanda, portanto, novos esforços.

Paralelamente à crescente onda de ateísmo, observa-se também o surgimento de novas formas de espiritualidade, caracterizadas por uma religiosidade “desigrejada”. A individualização da fé é uma das expressões do fenômeno dos “sem religião”. A chamada Geração Z, nome dado àqueles que nasceram entre a segunda metade da década de 1990 e 2010, não é necessariamente sinônimo do movimento “sem religião”, mas apresenta anseios e características similares, conforme pontua o pastor Danny Bravo, cuja dissertação de mestrado em Ciências das Religiões, defendida em 2021, analisou o tema. “A Geração Z e o movimento sem religião se encontram a tal ponto que, nos próximos censos, a tendência é que a incidência dos ‘sem religião’ cresça”, ressalta o líder de Desbravadores e Aventureiros da Associação Paulistana.

No último censo, realizado em 2010, eles representavam 8% da população brasileira. De acordo com pesquisas feitas pelo Instituto Datafolha em 2022, os “sem religião”

passaram a somar 14% da população no território nacional, superando o número de católicos e evangélicos em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro.

## Características

A maioria dos dados de pesquisas geracionais ainda provém de estudos norte-americanos, assim como as classificações utilizadas (*Baby Boomers*, Geração X, *Millennials* e Geração Z). Mesmo assim, essas panoramas podem expressar tendências mais globalizadas ou que, mais cedo ou mais tarde, poderão ser percebidas em outros lugares.

Um levantamento feito pelo Centro de Pesquisa sobre a Vida Americana, em agosto de 2023, constatou que nenhuma geração relata níveis mais baixos de envolvimento religioso na adolescência do que a Geração Z. A mesma pesquisa também revelou contrastes em termos de relacionamentos ao mostrar que os adolescentes da Geração Z socializam menos do que os das gerações anteriores. Outro indicador que chama atenção é a tendência de os mais novos recorrerem cada vez mais a terapias, o que também reflete os desafios enfrentados pelos jovens em relação à saúde emocional no pós-pandemia.

Como, então, transmitir esperança e fé a essa geração? O pastor Cândido Gomes, líder da juventude adventista para o estado de São Paulo, acredita que é fundamental

oferecer três elementos: comunidade, verdade e espiritualidade. “Eles esperam encontrar na igreja um ambiente de aceitação, acolhimento e autenticidade, que ofereça experiências de adoção genuínas e conhecimento bíblico sólido”, destaca o autor do Devocional Jovem deste ano.

Estudos como o realizado pelo Grupo Barna em 2023, sob o título “Geração Autêntica”, destacam aspectos semelhantes. Um dos pontos mencionados é a busca dos jovens por lugares em que possam ser ouvidos e amados sem julgamentos. Buscam respostas sinceras às suas perguntas. Além disso, essa geração não tolera incoerências entre palavras e ações, reagindo vigorosamente às contradições na vida daquelas que se apresentam como exemplos. Por outro lado, encontram inspiração em líderes que são transparentes, genuínos e capazes de reconhecer suas próprias vulnerabilidades.

Na verdade, as pesquisas revelam um cenário que apresenta desafios, mas também oportunidades. Um exemplo disso é que, enquanto resistem ao autoritarismo e a abordagens hierárquicas, os jovens de hoje demonstram um espírito colaborativo e estão dispostos a participar ativamente da busca por soluções conjuntas e diálogos abrangentes. Eles também têm acesso a recursos ilimitados que seus antecessores não tinham e desejam impactar o mundo, desde que enxerguem claramente o propósito ou a causa por trás de suas ações. Ao compartilharem uma visão comum, estão determinados a superar quaisquer desafios para alcançar grandes conquistas. Além disso, essa geração demonstra um engajamento muito maior em movimentos sociais, causas ambientais, na defesa de direitos humanos igualitários e questões antirracistas, entre outras.

“As universidades, o mercado de trabalho, o exército, os partidos políticos e até os traficantes visam à força, beleza, criatividade e ao engajamento dos jovens. Eles são o que há de mais precioso na sociedade e, como igreja, também precisamos reconhecer isso”, ressalta o pastor Cândido, ao enfatizar que Deus não apenas tem interesse, mas também planos para a juventude.

## Estratégia

Portanto, esses aspectos positivos precisam ser direcionados para a missão maior de fazer discípulos. O Plano Maranata, lançado durante a convenção jovem sul-americana em Brasília (DF), realizada de 29 de maio a 1º de junho, foi criado com esse propósito (veja o infográfico na página 15). A nova estratégia resultou na publicação de um livro, distribuído a cada um dos quase 20 mil jovens inscritos no evento (*Maranata* [CPB, 2024]). O pastor Stanley Arco, líder da igreja na América do Sul, enfatiza que o livro marca um momento histórico para o Ministério Jovem. “Esperamos que ele revolucione a juventude na igreja local”, ressalta.

Com base em 48 modelos de discipulado implementados ao redor do mundo, entrevistas com jovens sul-americanos e análises de estudos geracionais, foi elaborado um plano intencional fundamentado nas Escrituras. Este plano se desenvolverá a partir de quatro áreas do discipulado jovem: Missão (M), Relacionamento (R), Nutrição (N) e Templo (T). Mais do que um slogan, Maranata será, portanto, a visão que guiará o discipulado jovem na América do Sul nos próximos anos.

“Estamos trabalhando para estabelecer uma visão que perdure, para que esta seja a geração que testemunhará o retorno de Jesus”, afirma o pastor Carlos Campitelli, líder de Jovens da igreja na América do Sul. Nesse processo, é crucial que cada igreja se torne um ambiente de apoio, encorajamento e capacitação dos jovens. Por isso, os pastores e líderes, que já trabalham para nutri-los na fé e envolvê-los em programas, projetos missionários e estudos bíblicos, terão um papel fundamental na implementação do Plano Maranata.

“Os pastores são os principais promotores dos relacionamentos intergeracionais, incentivando os mais velhos a se tornarem mentores e exemplos para os jovens, criando uma comunidade na qual todas as gerações crescem juntas”, acrescenta o pastor Herbert Cleber, diretor de bem-estar estudantil na Faculdade Adventista da Amazônia (Faama) e um dos autores do livro.

“Os pastores também podem criar oportunidades de envolvimento em ministérios, na missão e na liderança. Se portas forem abertas, essa geração engajada responderá positivamente”, complementa o pastor Cândido.

Outro passo importante será a colaboração entre todos os ministérios, departamentos e faixas etárias, buscando a construção de uma igreja intergeracional em que haja troca de aprendizado. Para facilitar esse processo, pastores e líderes contarão com ferramentas como o portal MaranataJA.com, que oferece orientações, modelos de implementação, identidade visual e outros recursos necessários para capacitar a liderança e apoiar a execução do MRNT na igreja local.

Além do portal e do livro, que apresentam uma visão detalhada do plano, também existe o Portal do Líder JA ([liderja.adventistas.org](http://liderja.adventistas.org)), no qual os pastores têm acesso ao Programa de Desenvolvimento de Líderes (PDL), que apresenta as 10 competências para a formação de líderes de jovens, além do Manual do Ministério Jovem da Divisão Sul-Americana. Outra ferramenta útil é a Maranata Academy, uma escola de treinamento missionário que oferece capacitações visando ao desenvolvimento de diversas habilidades.

O discipulado é uma missão essencial da igreja. Orientar e inspirar os jovens é fundamental para ajudá-los a desenvolver um relacionamento profundo com Deus, compreender e aplicar

os ensinamentos bíblicos no dia a dia e crescer como líderes espirituais. Cada pastor, inclusive, pode escolher alguém para discipular pessoalmente.

“É nossa intenção que os jovens compreendam seu propósito e chamado para o discipulado, a fim de que possam desenvolver os dons e talentos que receberam de Deus e, assim, proclamar a mensagem de que o Senhor está prestes a retornar”, conclui o pastor Campitelli. ■



## A VOZ DA JUVENTUDE

uma variedade de desafios, expectativas e sonhos. É crucial que a igreja ouça a juventude ao explorar novas maneiras de se manter relevante para as novas gerações. A seguir, conheça algumas das aspirações expressas por jovens de diferentes países.



**Ruben Rivera Solar – Lima, Peru**

“É preciso haver uma mudança de pensamento para que os jovens tenham uma participação ativa nas atividades da igreja, assim como os adultos. Com ideias atualizadas e planos que temos, acredito que podemos contribuir para o crescimento da igreja. Podemos começar pela inserção do Espaço Jovem em mais igrejas.”



**Milena da Silva Ribeiro – Vitória, Brasil**

“O maior desafio é conseguir unificar sem perder a essência. É preciso haver mudança, mas sem alterar a doutrina. Precisamos lembrar que as gerações e os modismos passam, mas a Palavra de Deus não. Penso que o caminho seja juntar as gerações, encontrar pontos em comum e trabalhar as ideias.”

Compreender os diversos contextos em que os jovens estão inseridos é uma tarefa complexa, mas essencial. Em um ambiente tão multicultural quanto o da América do Sul, há



**Ángela Fernandez – Iquique, Chile**

“É importante criar uma rede de apoio para adolescentes e jovens. Muitos desanimam e se distraem, perdendo a noção do que é prioridade. Além disso, existem grandes desafios em relação às emoções e à autoestima. O sentimento de vergonha e incapacidade tem sido um entrave para os relacionamentos.”



**Matias Hugo – Montevideu, Uruguai**

“Ter um ambiente em que os jovens possam desenvolver seus dons e talentos para realizar a obra que Jesus nos deixou. Queremos ser úteis!”



**Ramón Tachile – Resistência, Argentina**

“Precisamos atrair novas pessoas e trazer de volta aquelas que abandonaram a igreja.”



Escaneie o QR Code (ou acesse: [link.cpb.com.br/30e1cb](http://link.cpb.com.br/30e1cb)) para ver o infográfico que explica o Plano Maranata.



**Mary Luz – La Paz, Bolívia**

“Um dos principais dilemas da juventude adventista está relacionado aos vínculos que cultivamos. Devido à falta de amizades na igreja, buscamos preencher esse vazio em outros lugares. Criar laços é fundamental para a permanência na fé.”



**Katherine Chavez – Quito, Equador**

“Enfrentamos o desafio de saber quem somos e a quem pertencemos. Por isso, devemos voltar à Bíblia. Somos cartas abertas que precisam ser reais e genuínas diante de uma sociedade que necessita ver Cristo em nossas ações, sentimentos e pensamentos.”



**Javier Machado – Ypané, Paraguai**

“O maior desafio que temos como igreja é fazer com que cada jovem compreenda que não há nada mais seguro e bem-sucedido do que investir sua juventude no reino dos céus. Portanto, como igreja, devemos desenvolver estratégias e programas atualizados para que cada jovem aprenda a passar tempo de qualidade com Deus por meio da leitura de Sua Palavra.”

# MAPA DA JUVENTUDE

Os oito países que compõem a Divisão Sul-Americana concentram quase 2,7 milhões de adventistas, dos quais quase um terço (748.449) está na faixa etária dos 16 aos 30 anos. Os jovens representam uma parcela significativa dos novos membros, porém também estão entre os que mais deixam a igreja. Os números apresentados no mapa a seguir reforçam a importância de se dedicar atenção especial às novas gerações.

## Panorama da presença dos jovens no contexto adventista sul-americano

A faixa etária dos **16 aos 30 anos** concentra 28% dos membros da igreja na América do Sul. No entanto, na última década, registramos uma perda de 138% entre esse grupo. 75% deles estão em igrejas com até 200 membros.



Fontes: Sistema ACMS, Rodrigo Romaneli e Portal Adventista



André Vasconcelos  
editor de livros na CPB



# UM SANTUÁRIO NO ESPAÇO-TEMPO

Êxodo 31:12-17 e o modelo  
histórico-cognitivo de  
revelação e inspiração

**E**m diferentes épocas e lugares, a teologia judaico-cristã se serviu da filosofia para elaborar seus princípios hermenêuticos. De Orígenes a Agostinho, ou de Filo de Alexandria a Maimônides, a filosofia se tornou subserviente à teologia. Como diz a frase latina atribuída a Pedro Damiano (c. 1006-1072), que recebeu o título de doutor da igreja, *philosophia ancilla theologiae*, ou seja, “a filosofia é serva da teologia”.

E não é diferente quando se trata do conceito de revelação e inspiração das Escrituras. Em seu livro *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã*, Fernando Canale demonstrou que as pressuposições filosóficas gregas, especialmente a visão de dois mundos, estão no centro da atividade teológica. No entanto, o corolário de assumir que existe um mundo natural e outro sobrenatural é a interação limitada entre Deus e a humanidade. Seria possível ao homem, que é material e temporal, alcançar a perfeita esfera divina? Poderia um Deus imaterial e atemporal – de acordo com a perspectiva grega – revelar ao ser humano um conteúdo cognitivo a partir do fluxo da história terrestre?

O modelo histórico-cognitivo, proposto por Canale, revela que as diferentes perspectivas a respeito de Deus impactam diretamente a visão sobre o processo de revelação e inspiração da Bíblia. No que se refere ao sábado, um teólogo que sustenta as pressuposições do teísmo clássico<sup>1</sup> pode questionar a literalidade do repouso de Deus na criação, já que se trata de uma realidade histórica e temporal. Nesse contexto, a ação atemporal divina de criar o mundo e descansar no sétimo dia só poderia ser percebida pelo profeta em uma realidade material e temporal, por isso o autor inspirado teria retratado a verdade eterna da criação e do descanso divino por meio do processo histórico de sete dias registrado em Gênesis 1 e 2.<sup>2</sup> Vejamos, por exemplo, o

comentário de Agostinho sobre o relato da criação: “Oh, Senhor! Não é verdadeira a Tua Escritura [...]? Por que, pois, dizes que a Teu ver não há tempos, enquanto Tua Escritura me diz que consideraste bom o que fizeste cada dia [...]? A essas coisas me respondes: [...] Oh, homem! O que diz Minha Escritura, Eu digo. No entanto, ela fala no tempo. Mas o tempo não é referência para a Minha Palavra, porque a Minha Palavra existe na eternidade, como Eu. Assim, as coisas que vedes através do Meu Espírito, Eu vejo; do mesmo modo, as coisas que falais através do Meu Espírito, Eu falo. Portanto, quando vedes essas coisas no tempo, Eu não as vejo no tempo; como as falais no tempo, Eu não as falo no tempo.”<sup>3</sup>

Como podemos perceber na declaração de Agostinho, as pressuposições filosóficas sobre Deus condicionam a interpretação do texto, distorcendo o sentido simples e literal pretendido pelas Escrituras. Dito de outra maneira, as premissas filosóficas se transformam nas lentes usadas para ler a Bíblia. Isso, naturalmente, tem implicações para o conceito de revelação e inspiração, uma vez que os princípios macro-hermenêuticos e a exegese se complementam em uma espiral crescente.<sup>4</sup>

Com esse panorama em vista, o relato de Êxodo 31:12 a 17 se torna um objeto curioso para análise e reflexão. Ao apresentar o descanso divino na semana da criação como o paradigma da celebração sabática, o texto bíblico parece situar tanto Deus quanto os filhos de Israel em uma mesma realidade espaço-temporal: “Disse mais o SENHOR a Moisés: Tu, pois, falarás aos filhos de Israel e lhes dirás: Certamente, guardareis os meus sábados; pois é sinal entre Mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o SENHOR, que vos santifica. Portanto, guardareis o sábado, porque é santo para vós outros; aquele que o profanar morrerá; pois qualquer que nele fizer alguma obra será eliminado do meio do seu povo. Seis dias se trabalhará, porém o sétimo dia é o sábado do repouso solene, santo ao SENHOR; qualquer que no dia do sábado fizer alguma obra morrerá. Pelo que os filhos de Israel guardarão o sábado, celebrando-o por aliança perpétua nas suas gerações. Entre Mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento” (Êx 31:12-17, ARA).

Considerando a relevância dessa perícopa para a discussão hermenêutica que está por trás do processo de revelação-inspiração da Bíblia, este artigo se propõe a analisar Êxodo 31:12 a 17 a partir do modelo histórico-cognitivo de Fernando Canale e a responder à seguinte pergunta: Como o mandamento do sábado nessa passagem nos ajuda a identificar o conceito de revelação e inspiração como um processo histórico-cognitivo? Para alcançar esse objetivo, pelo menos dois passos metodológicos são necessários: (1) apresentar os princípios elementares do modelo histórico-cognitivo; e (2) aplicar esses princípios à passagem bíblica em questão.

### **Princípios elementares do modelo histórico-cognitivo**

A premissa básica do modelo histórico-cognitivo é a temporalidade de Deus. Segundo Canale, “as Escrituras não fornecem nenhuma evidência para a noção de um Deus atemporal”, ao contrário, “retratam de modo inequívoco Deus agindo direta e historicamente dentro da ordem causal da natureza e da história”.<sup>5</sup> Ao negar a atemporalidade divina e a tentativa filosófica humana

de entender a Deus por meio da revelação geral (nesse caso, a teologia natural), Canale quer dizer que Deus atua “historicamente na história”, relacionando-se com o ser humano na realidade dele.<sup>6</sup>

Ao afirmar isso, Canale contrasta sua perspectiva com o conceito clássico de “ação histórica de Deus”. De acordo com esse modelo, Deus atua na história, mas de fora dela. Essa ideia pode ser comparada a uma pedra atirada ao lago. A pedra é lançada uma vez na água, mas seu impacto forma uma série de pequenas ondas. Assim é, nas devidas proporções, a atuação divina na história segundo o teísmo clássico: o ato atemporal de Deus reverbera em ações temporais.

Mas o que é o tempo? Seria um recipiente em que Deus obrigatoriamente tem de estar dentro ou fora? Embora o tema seja demasiadamente complexo para ser tratado aqui, podemos dizer com segurança que o tempo não é uma coisa, mas uma grandeza fundamental. Logo, se o tempo é uma grandeza que serve para registrar intervalos iguais entre eventos, ele deve coexistir com o ser. Na realidade, se algo existe, esse algo experimenta ou experiencia uma sucessão de acontecimentos.

Nesse sentido, a eternidade divina deve ser entendida como uma sucessão de eventos sem fim e não como ausência de tempo. Em outras palavras, para Deus há passado, presente e futuro (ver Jó 36:26; Sl 102:25-27; 103:15-17; Is 43:10). Ainda que Deus experimente o tempo de uma maneira diferente da humanidade (2Pe 3:8), Ele Se relaciona com o ser humano “dentro da história” e não apenas “na história”.

Os homens são finitos e mortais, enquanto Deus é infinito e imortal. Mas tanto o ser humano quanto Deus experimentam sucessão de acontecimentos. Em razão disso, a relação entre Deus e o tempo não deve ser entendida univocamente nas Escrituras, como no teísmo aberto (*open theism*),<sup>7</sup> nem equivocadamente, como no teísmo clássico, mas de forma análoga.<sup>8</sup> Como destacou Canale, “a compreensão análoga da temporalidade divina permite que Deus experimente o tempo em sua plenitude e, ao mesmo tempo, dentro das limitações próprias das criaturas”.<sup>9</sup>

A segunda premissa básica para o modelo histórico-cognitivo de revelação e inspiração é a razão histórica. Para Canale, “o conhecimento se processa sempre que um sujeito cognoscente, ou seja, dotado de capacidades cognitivas, entra em contato com determinado objeto cognoscível, ou seja, capaz de ser conhecido”. Portanto, “a relação estabelecida entre esse sujeito cognitivo e o objeto conhecido constitui a estrutura a partir da qual o conhecimento humano sempre se origina”.<sup>10</sup>

No processo de revelação e inspiração, o sujeito que exerce cognição representa o profeta, e o objeto que pode ser conhecido, a mensagem revelada. Em tal processo epistemológico de transmissão e construção de conhecimento, algumas coisas podem influenciar o resultado final, como as pressuposições do sujeito. No entanto, embora o sujeito absorva as categorias conceituais do ambiente em que vive, elas não

são determinantes, como ensina a filosofia pós-moderna.<sup>11</sup> No fim, o objeto cognoscível é quem determina a realidade: “Informação e conceitos baseados em fatos e realidades concretas proporcionam à razão histórica um escudo contra o relativismo cognitivo. Não é o conjunto de pressuposições que trazemos para o evento do conhecimento, mas os objetos a serem conhecidos que, em última instância, determinam o conteúdo e a veracidade do conhecimento histórico.”<sup>12</sup>

Apesar disso, como agentes históricos e temporais, os seres humanos não são capazes de processar o objeto cognoscível de forma perfeita e completa. Sua memória é defeituosa e sua percepção da realidade, parcial. E como a revelação é uma questão de compreensão, ela “requer uma interação adequada entre dados e pressuposições”.<sup>13</sup>

Em resumo, visto que Deus atua dentro da história e os seres humanos raciocinam historicamente, o processo de revelação e inspiração deve ser entendido como um fenômeno histórico-cognitivo.

### **Aplicação do modelo histórico-cognitivo a Êxodo 31:12-17**

Depois de apresentar duas das principais pressuposições do método histórico-cognitivo, é possível avançar para sua aplicação ao texto bíblico. O objetivo agora é verificar como essas duas pressuposições se aplicam ao mandamento de guardar o sábado, conforme o texto que é objeto de estudo.

O relato começa com a palavra *wayyōmer*. Essa marca textual indica o grau zero da narrativa e a transição para o discurso direto, algo reafirmado pela expressão fática *lē'mōr*. O versículo seguinte também indica um discurso direto por meio do mesmo marcador. Deus falou a Moisés para que este falasse aos filhos de Israel.

Moisés, como veículo linguístico, recebeu as instruções de Deus no monte Sinai durante



**O sábado é um santuário no espaço-tempo em que o Criador e a criatura se unem pactualmente.**



40 dias (Êx 24:18) e só depois pôde comunicar a mensagem divina aos filhos de Israel. Como sujeito cognoscente, Moisés teve que processar a mensagem que Deus lhe havia revelado, o objeto cognoscível. Esse ato de comunicar e transmitir o mandamento reflete de alguma forma a interação divino-humana no processo de revelação e inspiração da Bíblia. A mensagem perfeita revelada por Deus em uma realidade histórico-temporal foi processada (revelação) e então transmitida (inspiração) por meio de um veículo imperfeito e falível.

Na sequência do texto, há uma modificação na narrativa. Os versículos 16 e 17 não fazem parte do discurso direto, já que a linguagem muda para um comentário narrativo. Isso pode ser percebido pela mudança da segunda pessoa do plural nos verbos e sufixos pronominais para a terceira pessoa do plural. O texto muda de “guardareis” (*tišmōrū*) para “guardarão” (*wəšāmarū*) e de “vossas gerações” (*lədōrōtēkem*) para “suas gerações” (*lədōrōtām*).

Se o discurso exortativo de Êxodo 31:13 a 15 convidava os filhos de Israel a guardar o sábado, o comentário narrativo dos versículos 16 e 17 lhes dava uma razão teológica para isso: o sábado deveria ser guardado porque o Criador dos céus e da terra deixou o exemplo.

Logo, o mandamento de Êxodo 31:12 a 17 é um convite para celebrar o sábado à semelhança do Criador.

Deus não apenas falou com Moisés, mas mostrou aos filhos de Israel como eles deveriam celebrar o sábado. Segundo o comentário narrativo de Êxodo 31:17, Deus criou os céus e a terra em seis dias “e, ao sétimo dia, descansou e tomou alento”. O desdobramento natural dessa observação é que o sábado serve de referência histórica e temporal tanto para Deus como para os seres humanos. É um santuário no espaço-tempo em que o Criador e a criatura se unem pactualmente.<sup>14</sup>

Se Deus não tivesse se manifestado diretamente na realidade humana, o processo de revelação seria incapaz de alcançar a mente do profeta de maneira direta. Portanto, como afirmou Canale, “a temporalidade de Deus é uma pressuposição necessária para que possa haver comunicação direta com seres humanos historicamente constituídos”.<sup>15</sup>

## Conclusão

Depois de aplicar, ainda que brevemente, dois dos principais conceitos do método histórico-cognitivo (a temporalidade de Deus e a razão histórica) ao texto de Êxodo 31:12 a 17, podemos concluir que o mandamento do sábado nessa passagem, em linhas gerais, apoia a proposta macro-hermenêutica de Fernando Canale. Metonimicamente, isto é, tomando a parte pelo todo, essa análise pontual parece ratificar a ideia de que o fenômeno das Escrituras é autossuficiente para extrair os princípios hermenêuticos necessários para a articulação de um conceito teológico de revelação e inspiração. A teologia, seja sistemática ou bíblica, não precisa de uma “serva” para suprir esses princípios hermenêuticos e exegéticos, mas sim de uma análise profunda do próprio texto bíblico, o objeto cognoscível. Afinal, como já dizia Tertuliano, o que Atenas tem que ver com Jerusalém? ■

## Referências

- Segundo Ronald Nash, há oito pressuposições filosóficas sobre Deus no teísmo clássico: “(1) realidade pura; (2) imutabilidade; (3) impassibilidade; (4) atemporalidade; (5) simplicidade; (6) necessidade; (7) onisciência; e (8) onipotência” (*The Concept of God: An Exploration of Contemporary Difficulties With the Attributes of God* [Grand Rapids, MI: Zondervan, 1983], p. 20).
- Fernando Canale, *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã: Um Estudo Hermenêutico Sobre Revelação e Inspiração* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2011), p. 159.
- Agostinho de Hipona, *Confissões*, XIII, 29 (Phillip Schaff [ed.], *The Nicene and Post-Nicene Fathers* [Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 1997]), v. 1, p. 205.
- A exegese deve extrair princípios hermenêuticos da Bíblia, e a hermenêutica deve corrigir e guiar a exegese. Assim, ambas se retroalimentam e se aperfeiçoam em uma espiral contínua e ascendente. Canale aplica o mesmo raciocínio à relação entre a hermenêutica e o conceito de revelação e inspiração. Ver Canale, *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã*, p. 27-29.
- Canale, *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã*, p. 240.
- Canale, *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã*, p. 100.
- Sistema teológico que nega a onipotência, a onisciência e a onipresença de Deus.
- Marcos Blanco, “The Function of Analogy to Interpret the Biblical Records of the Person and Works of God: A Hermeneutic and Methodological Approach” (tese de doutorado, Universidade AIIAS, 2019).
- Fernando Canale, *Princípios Elementares da Teologia Cristã: A Bíblia Substituindo a Tradição* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2018), p. 80.
- Canale, *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã*, p. 231.
- Canale, *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã*, p. 231, 232.
- Canale, *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã*, p. 232.
- Canale, *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã*, p. 235.
- Abraham Heschel tratou o sábado como um santuário no tempo (*O Schabbat: Seu Significado Para o Homem Moderno* [São Paulo: Perspectiva, 2009]). Ainda que o título deste artigo seja inspirado em sua obra, os conceitos aqui apresentados diferem de sua visão em parte dualista sobre Deus e os seres humanos (Ver *Dios en Busca del Hombre: Una Filosofía de la Religión* [Buenos Aires: Ediciones Seminario Rabínico, 1984], p. 237-244; 257-268). É em consideração a isso e à perspectiva temporal cognitiva da teoria de Fernando Canale que o sábado é retratado aqui como um santuário no espaço-tempo.
- Canale, *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã*, p. 241.



**Joabe Soares**  
pastor em Salvador, BA



**Moisés Soares**  
pastor em Fortaleza, CE



# CURA PELA PALAVRA

O poder transformador do evangelho

A Bíblia é frequentemente descrita como uma espada de dois gumes, uma metáfora profunda que revela sua capacidade de penetrar até os recônditos mais ocultos do coração e da mente humana. Essa imagem não apenas ilustra a precisão com que a Bíblia revela a verdade, mas também sua capacidade de expor e confrontar as áreas escondidas de nossa vida, trazendo convicção, arrependimento e transformação genuína.

A espada de dois gumes simboliza a dualidade do poder da Palavra: ela fere para curar e corta para remover o que é impuro. Assim como uma espada física pode cortar e separar com exatidão, a Palavra de Deus penetra profundamente, desnudando nossa verdadeira natureza e realizando a obra necessária para nossa purificação e santificação. Através dessa ação incisiva, a Bíblia não apenas nos guia em direção à verdade, mas também nos molda à imagem de Cristo, operando uma transformação interior que é ao mesmo tempo dolorosa e redentora.

A narrativa de Atos 2 possui um impressionante relato que apresenta, em um mesmo episódio, palavras que ferem e que também trazem cura para aqueles que ouvem.

## As impactantes palavras de Pedro

Lucas é o único autor não judeu do Novo Testamento. Sua cosmovisão propicia uma perspectiva diferente dos acontecimentos. Ao escrever o

livro de Atos, ele enfatizou que o Espírito Santo é a marca da missão. Esse mesmo Espírito usou a mensagem de Pedro para alcançar, tocar e convencer o coração de seus ouvintes.

Em Atos 2:37-41, encontramos um impressionante registro da reação dos ouvintes diante da contundente pregação de Pedro. No versículo 37, a palavra traduzida como “comovidos” revela um sentimento conectado a uma dor profunda (gr. *katanyssomai*). Esse termo é um *hápax legomenon*, ou seja, uma palavra que aparece uma única vez no Novo Testamento.

Esse verbo vem da raiz do grego *nysso*, que tem o sentido de “perfurar, ser furado, aflição, tormenta, agitado com veemência, golpear violentamente”. O mesmo termo aparece na Septuaginta para descrever a reação dos filhos de Jacó quando vieram do campo e ouviram que Diná, sua irmã, havia sido violentada por Siquém (Gn 34:7). É como se o coração deles houvesse sido perfurado. Esse termo também aparece no contexto em que o soldado romano abriu o lado de Jesus com uma lança, “e logo saiu sangue e água” (Jo 19:34).

Sendo assim, a ideia de que o Espírito Santo golpeia a alma de todo aquele que deseja ser convencido por Seu poder faz todo o sentido. A pergunta daquelas pessoas diante da mensagem tinha um tom de desespero: “Que faremos, irmãos?” (v. 37). É como se esse questionamento viesse após uma rendição, uma espécie de “mãos ao alto!”, provocada por uma arma em punho. Ellen White comentou: “As conversões que ocorreram no dia de Pentecostes foram resultado dessa sementeira, a colheita da obra de Cristo. Ela revelou o poder de Seus ensinamentos.”

[...] As palavras dos apóstolos eram como *flechas afiadas* do Todo-Poderoso, convencendo as pessoas de sua terrível culpa por terem rejeitado e crucificado o Senhor da glória” (*Atos dos Apóstolos* [CPB, 2021], p. 29, itálico acrescentado).

### O poder da Palavra

Na Carta aos Hebreus, o apóstolo Paulo apresenta a Palavra de Deus como “viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4:12). O autor inspirado conclui que a Escritura é “eficaz”, o que no texto original (gr. *energēs*) indica o sentido de “poderosa, ativa, que produz o devido resultado”. Ele aponta que ela “penetra”, “perfura” (gr. *diiknoumenos*), que pode significar “atravessar algo vencendo a resistência”, e “divide” (gr. *merismos*) com tamanha precisão, que é capaz de separar partes aparentemente inseparáveis.

Ao comentar esse texto, o teólogo Mathew Henry afirmou: “Os hábitos pecaminosos que se tornaram como que naturais à alma, que se enraizaram profundamente nela e que se tornaram, de certa forma, um só com ela, são separados e cortados por essa espada” (*Matthew Henry’s Commentary on the Whole Bible* [Hendrickson, 1994], p. 2386). Ellen White concorda com essa ideia ao declarar: “Os hábitos pecaminosos, naturais ao homem, acham-se entretrecidos na prática diária. Mas a

Palavra corta as concupiscências carnis. Discerne os pensamentos e propósitos do coração. Divide as juntas e medulas, eliminando as concupiscências carnis, tornando os homens dispostos a sofrer por seu Senhor” (Manuscrito 42, 1901).

Quando estudamos Atos 2, geralmente nos concentramos nos resultados grandiosos do sermão de Pedro, correndo o risco de ignorar o conteúdo de sua fala. No entanto, uma análise cuidadosa revela uma mensagem profundamente fundamentada.

É possível que esse capítulo esteja relacionado com a narrativa da torre de Babel descrita em Gênesis 11. Naquele tempo, só havia “uma língua e uma só maneira de falar” no mundo (v. 1), e, diante daquele contexto pós-diluviano de afronta à autoridade divina, o Senhor desceu e confundiu a língua dos construtores da torre, causando justamente o que eles não queriam: a dispersão sobre a superfície da Terra.

Em Atos 2, os povos com suas múltiplas línguas vieram e se concentraram em Jerusalém. Ao contrário do que aconteceu em Babel (confusão e dispersão), houve entendimento após a descida do Espírito Santo. Portanto, Deus desceu no Pentecostes não para confundir, mas para esclarecer! O Espírito Santo usou os discípulos para pregarem a Palavra nos idiomas das pessoas que estavam participando da festa (At 2:8). O que Lucas sugere, então, é que a proclamação do evangelho provocou uma reversão

“  
É impressionante  
ver o que uma  
pregação  
fundamentada  
na Bíblia,  
proferida por  
alguém cheio do  
Espírito Santo, é  
capaz de fazer!”

dos resultados da torre de Babel. Em Atos 2 temos a inauguração disso, e, em Apocalipse 20 a 22, a consumação.

Em seu sermão descrito em Atos 2, Pedro está contando a história de Israel, e mostra como essa história converge para Jesus. Ele é o Messias prometido pelos profetas. Pedro usa, então, a teologia da aliança para mostrar o cumprimento de todas as promessas das alianças do Antigo Testamento, que anunciavam que Cristo finalmente se assentaria no trono de Davi, cumprindo as palavras de 2 Samuel 7.

É esse sermão feito por Pedro, afirmando o reinado de Cristo no Céu, que dilacerou o coração das pessoas. Elas haviam viajado para Jerusalém para participar de mais uma festa religiosa, mas descobriram que existe um Rei e Ele reina! E o sinal na Terra de que esse Rei governa no Céu é o derramamento do Espírito Santo: “Exaltado, pois, à direita de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vocês estão vendo e ouvindo” (At 2:33). O mesmo Jesus que foi crucificado e ressuscitou é o grande Rei do Universo.

Foi essa mensagem que traspassou o coração daquelas pessoas. Após ouvirem o sermão, elas ficaram desejosas pela cura da ferida causada pelo que acabaram de ouvir. E a cura viria justamente da mesma arma que as feriu. Este é um paradoxo interessante: a Bíblia é a única arma que, ao ser lançada sobre um morto, pode trazê-lo de volta à vida.

## A cura pela Palavra

Nenhum coração ferido deve ser abandonado à sua própria sorte. Diante daquele imenso grupo de ouvintes, agora com o coração perfurado pela Palavra de Deus, era necessário apresentar alguma solução. O Espírito Santo usou novamente o apóstolo Pedro para dizer: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos seus pecados, e vocês receberão o dom do Espírito Santo” (At 2:38). Pedro deixou claro que os ouvintes também poderiam receber aquilo que ele e os demais discípulos já possuíam. Como resultado desse poderoso apelo, cerca de três mil pessoas foram batizadas naquele dia (v. 41). É impressionante ver o que uma pregação fundamentada na Bíblia, proferida por alguém cheio do Espírito Santo, é capaz de fazer!

Observe que existem pelo menos quatro ações diretas e indiretas mencionadas por Pedro: (1) “Arrependam-se” (envolve a participação humana); (2) “seja batizado” (rito gramaticalmente identificado pelo autor como uma bandeira de libertação); (3) “para remissão dos seus pecados” (ação divina); e (4) “receberão o dom do Espírito Santo” (o selamento e a confirmação da fé). Dessa maneira, aqueles novos crentes seriam publicamente identificados com seu Messias e Salvador.

A fratura na alma provocada pela pregação apostólica revela muito daquilo que cada indivíduo genuinamente convertido precisa vivenciar de forma imperativa. As ações do Espírito Santo causam incômodo à vida, no sentido de tirar a pessoa de sua zona de conforto e conduzi-la

ao ideal divino, o que naturalmente poderá provocar dor, mas também trará a cura necessária para a salvação eterna. Como destacou Timothy Keller, o bom sermão não é como um porrete para impor a vontade, mas sim como uma espada que penetra o coração” (*Pregação: Comunicando a fé em uma era de Ceticismo* [Vida Nova, 2017], p. 195-228).

Podemos afirmar que, se as palavras humanas têm poder, o impacto causado pela Palavra de Deus ao alcançar o íntimo da vida humana é infinitamente maior. Em um mundo onde frequentemente recebemos palavras que traumatizam, machucam e oprimem, é reconfortante saber que há palavras capazes de trazer uma “dor curativa”. Como afirmou Agostinho de Hipona: “Feriste meu coração com a Tua Palavra. Desde então, Te amei.”

O evangelho puro e simples realiza uma obra completa de consternação e transformação. A dor provocada pela mensagem da cruz traz cura à alma que se rende aos pés de Cristo. Esse evangelho provoca uma tristeza que leva ao arrependimento (cf. 2Co 7:10), causando um impacto profundo e transformador no coração do ser humano, cuja extensão é difícil compreender plenamente.

Os apóstolos foram tão bem-sucedidos nessa pregação que, em 50 anos, o cristianismo se estabeleceu no mundo conhecido da época (cf. Cl 1:23). Qual foi o segredo desse sucesso? Um ministério de transmissão da Palavra de Deus dirigido diretamente pelo Espírito Santo. Embora reconheçamos que a transformação é uma obra divina, somos chamados a nos unir a Ele na missão de pregar e salvar.

Apesar das grandes diferenças culturais e geracionais na sociedade atual, a mensagem de salvação continua com o mesmo propósito: conduzir as pessoas em um processo urgente de transformação. Hoje, é tempo de experimentar profundamente o poder do evangelho, e igualmente, participar da obra de transmiti-lo às multidões que ainda precisam ouvir e ser impactadas pelo poder curativo da Palavra de Deus. Você aceita esse convite? ■

“Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade.”  
Eclesiastes 4:12, NVI.



MKT CPB | Adobe Stock | Firefly | Midjourney

# MINISTÉRIO

Pastor e esposa, unidos e transformando vidas.

19 de outubro | DIA DO PASTOR



# A BATALHA FINAL

O significado do  
Armagedom no  
Apocalipse

**N**a imaginação popular, alimentada por filmes, livros e outras mídias, o termo Armagedom tornou-se sinônimo de um cenário apocalíptico e catastrófico. Na linguagem cotidiana, pode ser usado como metáfora para qualquer evento de grande destruição ou crise severa, seja uma guerra, um desastre natural ou colapso econômico.

Essa interpretação tende a focar mais os aspectos visuais e dramáticos da destruição e menos os significados teológicos. É claro que o símbolo extrapolou seu significado original. Assim, é fundamental revisitar o Apocalipse e redescobrir o verdadeiro sentido do termo. Qual é o significado bíblico de Armagedom, objeto de tanta polêmica e especulação?

## Interpretações adventistas

Na história do adventismo, tem havido uma variedade de interpretações sobre o Armagedom. Alguns desses pontos de vista são conflitantes.<sup>1</sup> Hans K. LaRondelle indica quatro fases principais da interpretação entre os adventistas, incluindo o período dos pioneiros, o período de influência de Uriah Smith, o período de William A. Spicer e o período atual, como mostra o quadro.<sup>2</sup>

Fase	Armagedom é...
1. Período dos pioneiros (1844-1871)	Uma batalha decisiva entre os exércitos de Cristo e as forças de Satanás
2. Período de Smith (1871-1903)	Um conflito entre poderes políticos e militares relacionado ao território sagrado na Palestina
3. Período de Spicer (1903-1952)	Um conflito secular entre o Oriente e o Ocidente em busca da supremacia no mundo, centralizado na Palestina
4. Período atual (1952-hoje)	A batalha cósmica final entre os exércitos de Cristo e as forças de Satanás, relacionada às questões do sábado e da adoração

Entre as primeiras interpretações adventistas, Tiago White defendeu que o Armagedom ocorrerá imediatamente antes da segunda vinda de Cristo e que será uma guerra cósmica entre “o Céu e a Terra”, ou seja, os exércitos de Jesus e as forças de Satanás. Não se trata de um conflito “entre nação e nação”.<sup>3</sup> Ele estava correto, até porque o evento tem um caráter global, envolvendo os reis do “mundo inteiro”, e será “a batalha do Dia do Deus Todo-Poderoso” (Ap 16:14).

Ellen White também via o Armagedom como uma guerra espiritual/cósmica,<sup>4</sup> com o mundo num estado caótico, mas previa guerras até o fim. Segundo ela, “quando Deus ordenar a Seus anjos que soltem os ventos, haverá uma cena de lutas que nenhuma caneta conseguirá descrever”;<sup>5</sup> e “as potências do mundo mobilizarão as forças para a última grande batalha”.<sup>6</sup>

Em termos gerais, podemos resumir as principais interpretações adventistas em duas posições: (1) uma batalha literal na Palestina e (2) uma guerra cósmica envolvendo o mundo inteiro. Entre os teólogos adventistas, o segundo ponto de vista tem mais apoio. Antes de discutir o aspecto da localização, vejamos o significado bíblico da palavra Armagedom.

### Conceito bíblico

O termo Armagedom, uma transliteração do hebraico *har megiddo*, tem suas raízes no Antigo Testamento, mas

é raro. No Novo Testamento, ele é mencionado somente em Apocalipse 16:16, onde é descrito como o local da batalha final entre as forças do bem e do mal antes da segunda vinda de Cristo. Representa o clímax do conflito cósmico, em que Deus triunfará sobre a coalizão de Satanás e seus aliados.

Existem diversas propostas para o significado de Armagedom. Jon Paulien lista sete pontos de vista.<sup>7</sup> Porém, apenas três propostas são mais significativas:

1. Segundo uma interpretação antiga, o nome *Har-Magedōn* vem de uma raiz hebraica que significa literalmente “monte da matança”, talvez remontando ao radical hebraico *gadad*, “cortar”, “entrar”, “penetrar”.<sup>8</sup>
2. Uma interpretação bem popular defende que Armagedom vem da expressão hebraica *har megiddo* (“monte de Megido”) e seria uma referência ao local de diversas batalhas decisivas na história de Israel (Jz 5:19-21; 2Cr 35:20-25). Não existe nenhum monte de Megido conhecido, mas o nome seria por causa da proximidade com a planície ou cidade de Megido.<sup>9</sup>
3. Outra interpretação sugere que o nome grego *harmagedōn* ou *harmageddōn* se origina de *har mo'ed* (“monte da assembleia”). Armagedom seria um nome simbólico para Jerusalém.<sup>10</sup>

Em termos etimológicos, nenhuma das propostas é totalmente satisfatória. Por isso, há quem defenda que Armagedom não se refere a uma localização geográfica. Em vez disso, é “símbolo de uma batalha escatológica épica entre Deus e as forças do mal”.<sup>11</sup> Para Grant Osborn, é “mais provável que o objetivo seja fazer uma referência geral, baseando-se na conexão existente no Antigo Testamento entre Megido e batalha”.<sup>12</sup>

Talvez o significado etimológico exato do termo Armagedom não seja tão decisivo para a interpretação. A estrutura conceitual pode ser mais útil do que a localização geográfica. Como observa Sigve Tonstad, “as palavras são importantes, mas estão a serviço da história que é contada”.<sup>13</sup> No caso, a história é a de um ser celestial simbolizado pelo rei de Babilônia que queria ocupar o lugar do Altíssimo no monte santo de Deus (Is 14:12-15), mas que será lançado nas profundezas do abismo.

## Simbolismo escatológico

A batalha do Armagedom ocorre no contexto da destruição da grande cidade escatológica de Babilônia, que segue o modelo da queda da Babilônia histórica. O cenário é de julgamento, e, comparativamente, João dedica mais espaço às duas últimas pragas do que às cinco anteriores. Isso indica o clímax da narrativa e da história.

O texto começa fazendo referência ao secamento das águas do rio Eufrates (Ap 16:12). Esse rio, que já havia aparecido no relato da sexta trombeta (Ap 9:14), então volta a ter protagonismo. Embora não seja o maior rio do mundo, o Eufrates tem um significado histórico e tipológico.

Na história do povo de Israel, é Deus quem seca as águas (Is 11:15, 16; Jr 50:38; Zc 10:11), como ocorreu com o Mar Vermelho e o rio Jordão (Êx 14:21; Js 3:17), além das experiências de Elias e Eliseu (2Rs 2:8, 14). Em relação à Babilônia histórica, Deus secaria o Eufrates para alterar os rumos políticos e possibilitar a volta de Seu povo do exílio (Is 44:27, 28).

Ao passo que as cinco primeiras taças se apoiam diretamente na temática das pragas do êxodo, a sexta se refere à conquista do Império Neobabilônico, quando Ciro redirecionou o fluxo do rio em 539 a.C., fenômeno relatado por Heródoto.<sup>14</sup> Babilônia está “sentada sobre muitas águas” (Ap 17:1), que “são povos, multidões, nações e línguas” (v. 15). O secamento da água simboliza perda de apoio político e popular (v. 16, 17).

O rio era uma fonte essencial de vida para Babilônia e, de igual maneira, tornou-se crucial para o expansionismo de Roma. Simbolicamente, as águas do Eufrates também sustentam o sistema místico de Babilônia. Sem águas, não teria existido a Babilônia antiga; sem pessoas e apoio político, não existe Babilônia religiosa. Logo, assim como os inimigos do povo de Deus foram derrotados no contexto de sua própria fonte de vida (as águas), o inimigo escatológico será sobrepujado no mesmo contexto figurado.

A referência aos reis do Oriente (literalmente “os reis do nascente do sol”) em Apocalipse 16:12 tem sido interpretada, no sentido simbólico, em relação a Jesus e os anjos. Aqui é preciso considerar que leste/oriente é a direção de onde Deus tradicionalmente Se manifesta. O anjo com o selo de Deus vem do “nascente do sol” (Ap 7:2). No contexto da queda de Babilônia, o libertador (Ciro) veio do Oriente (Is 41:2, 25) e, como ungido de Deus, se tornou um tipo de Cristo (45:1-3, 13). Por isso, é mais plausível dizer que os reis do Oriente são símbolos dos exércitos ou conquistadores divinos.

Em seguida, o texto menciona os três espíritos demoníacos que saem da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta para congregar os reis da Terra para “a batalha [*ton polemon*] do grande Dia do Deus Todo-Poderoso” (Ap 16:13, 14). Desde Apocalipse 13, esta é a primeira vez que o dragão protagoniza uma ação ao lado das duas bestas. Isso ocorre pela importância do momento.

O uso do artigo na expressão *ton polemon* sugere que a batalha é definida e conhecida. O cenário é associado à segunda vinda de Cristo,

que vem como um Guerreiro nas nuvens para ferir as nações (Ap 19:11-21). A palavra *polemos* (“guerra”, “batalha”, “conflito”) aparece nove vezes no livro (9:7, 9; 11:7; 12:7, 17; 13:7; 16:14; 19:19; 20:8), além de seis ocorrências do verbo *polemeō* (“guerrear”, “lutar”, “batalhar”; cf. 2:16; 12:7 [2x]; 13:4; 17:14; 19:11). Isso é um indício da importância do conflito cósmico no livro.

A tipologia do êxodo está bastante presente no Apocalipse,<sup>15</sup> e a referência às “rãs [*batrachos*]” (Ap 16:13) pode fazer alusão à segunda praga do Egito, consistir em uma polêmica contra as divindades egípcias representadas pelas rãs (em especial Heqet, a deusa da ressurreição, representada por um sapo) ou refletir o fato de que, nas tradições bíblica e judaica, a rã era um animal imundo. De todo modo, a ideia de magia, feitiçaria e engano fazia parte do símbolo (v. 14).<sup>16</sup>

No relato da sexta praga, João não desenvolve totalmente o tema da batalha do Armagedom; ele apenas anuncia o embate e prepara o palco da guerra. Entretanto, o relato da sétima praga sugere um cenário de caos intenso, com juízos pesados, algo fora dos padrões convencionais. Por exemplo, o terremoto, que é parte do arsenal divino, não tem precedentes na história (Ap 16:18). A chuva de granizo, além de ser classificada como “grande” (*megalē*), é definida pela palavra “extremamente” (*sphodra*), o que enfatiza sua severidade.

A batalha do Armagedom tem um caráter teológico, espiritual e cósmico. Não se trata simplesmente de um conflito secular, político e militar. Porém, não é apenas “uma batalha pela mente de cada ser humano na Terra”.<sup>17</sup> Envolve muito mais, num momento de caos no mundo.

## Geografia do conflito

Entre os autores adventistas recentes, há uma tendência de ligar o Armagedom ao monte Carmelo, onde os falsos profetas foram derrotados e mortos. Desde que Ernst Lohmeyer (1890-1946) fez essa conexão,<sup>18</sup> outros seguiram o mesmo caminho.<sup>19</sup> Há vários

aspectos que valorizam essa interpretação. A figura de Elias em seu papel profético e tipológico é icônica.

No entanto, embora Apocalipse 16 reflita um conflito de lealdades na adoração no fim dos tempos, o fato é que o Carmelo não é tipicamente associado ao Armagedom. Essa interpretação é mais teológica do que exegética. Megido também não aparece na literatura apocalíptica sobre o tempo do fim, e há a dificuldade de não existir um monte de Megido.

Ao que parece, a interpretação referente a Jerusalém e o monte da assembleia possui uma fundamentação mais sólida. Um antigo professor adventista de línguas bíblicas, Roland Loasby, declarou que “João dificilmente poderia pensar em outro lugar que não fosse Jerusalém, o santuário de Yahweh em Sua montanha sagrada, como o local a partir de onde os ímpios serão finalmente destruídos”. Para João, diz ele, “*Har-Magedon* não poderia ter nenhuma conexão com o vale de Megido”.<sup>20</sup> Com muito cuidado e sem dogmatismo, podemos dizer que o epicentro do conflito parece ter um elemento relacionado com uma localização simbólica.

Conforme argumenta Meredith Kline, o conceito de “ajuntamento” associado ao Armagedom, expresso pelo verbo *synagō* (“ajuntaram” [*synēgagen*]) em Apocalipse 16:16, implica que o significado real de *har magedōn* é “monte do ajuntamento”, o qual pode estar ligado a *har mo’ed*, “monte da congregação” ou “monte da assembleia” (NVI), em Isaías 14:13. Kline também destaca que o substantivo *mo’ed*, derivado de *ya’ad* (“congregar”, “agrupar”, “reunir”), é traduzido pela Septuaginta em alguns lugares como *synagō*, o mesmo verbo usado em Apocalipse 16:16. Entre outros detalhes, isso sugere que o Armagedom pode ter um foco central no monte da assembleia ou em Jerusalém.<sup>21</sup>

Vamos ver algumas evidências para essa linha de interpretação.

- *O Apocalipse fala de um “lugar” (topon)*. O sentido primário de *topos*, termo

que aparece 94 vezes no Novo Testamento, é “lugar”, “localização”, “posição”. A palavra pode indicar um espaço delimitado, um lugar habitado (uma cidade, uma vila), uma região/área ou mesmo um lugar (passagem) num livro, entre outras coisas. Metaforicamente, a palavra pode significar oportunidade, ocasião para ação ou posição numa entidade ou assembleia. A maioria absoluta dos usos se refere a lugares literais. As exceções ficam por conta de sete ou oito usos figurados.<sup>22</sup> Portanto, o uso de *topos* em Apocalipse 16:16 pode ser simbólico, mas dificilmente seria metafórico.

- *O Apocalipse chama a atenção para um termo hebraico*. Ao mencionar que Armagedom é uma palavra hebraica (*hebraisti*), talvez o autor desejasse destacar a origem da palavra, seu significado ou algo relacionado ao território de Israel. A fonte de João foi Zacarias 12:11, a única passagem do Antigo Testamento em que aparece *megiddōn* em hebraico. Por isso, Jerusalém, referida nesse texto, estaria no radar do Apocalipse.

Após observar que Zacarias 12:11 é a única passagem que combina os temas de monte, Megido e Jerusalém, Jacques Doukhan explica que Zacarias usa *megiddōn* em hebraico por duas razões: (1) *poética*, para rimar com Hadade-Rimom, o que é um recurso comum em relação a nomes bíblicos; e (2) *retórica*, para destacar uma forma mais antiga do nome em vez da mais recente “Megido”. Além disso, o Apocalipse parece estabelecer um jogo de assonâncias (paronomásia) entre *Har Megiddon* e *Hadade Rimom*.<sup>23</sup>

Doukhan defende que a expressão “monte de Megiddo” não se refere ao vale de Jezreel e suas batalhas, nem ao monte Carmelo, que fica distante de Megido, mas a Jerusalém. E conclui: “O profeta fala de um ‘monte’ de Megido (Harmageddon) enquanto pensa especificamente em Jerusalém.” Assim como Daniel (11:45) profetizou, os reis da Terra querem o controle do “glorioso monte santo” de Deus; no caso, segundo ele, trata-se da Jerusalém celestial.<sup>24</sup>

- *Apocalipse conecta o Armagedom com a volta de Jesus*. Esse grande evento não pode ser desvinculado do retorno de Cristo. Isso fica evidente pelo fato de que, em Apocalipse 16:15, no contexto da referência ao Armagedom, Jesus usa uma espécie de parêntese para alertar sobre o aspecto súbito de Sua vinda (“como vem o ladrão”).

Note que Zacarias 12:9-11, o texto-fonte de Apocalipse 16:16, (1) relaciona Jerusalém com uma batalha, dizendo que haverá grande pranto *como* (note a comparação) um pranto anterior no “vale de Megido [*biq’at megiddōn*]” (v. 11); (2) usa duas vezes a expressão “naquele dia” no contexto imediato (v. 9, 11) e 17 vezes na seção (caps. 12–14), o que indica um forte significado escatológico; e (3) diz que o Senhor destruirá “todas as nações que vierem contra Jerusalém” (v. 9), num contexto em que as pessoas prantearão por “Aquele a quem traspassaram” (v. 10), uma descrição que evoca a morte de Cristo e Sua segunda vinda, mencionada em Apocalipse 1:7 (cf. Mt 24:30). O foco da batalha é mais cósmico do que sugere a interpretação do monte Carmelo.

• *A intertextualidade ajuda a entender a intenção do Apocalipse.* Com seu grande número de alusões aos textos proféticos da Bíblia Hebraica, seria natural que João visse o conflito cósmico final pela mesma perspectiva. De forma unânime, os autores bíblicos situam a libertação dos fiéis e a destruição final dos inimigos do povo de Deus em Jerusalém ou seus arredores. Isso ocorre numa série de textos escatológicos do Antigo Testamento (Is 29:5-8; Dn 11:45; Jl 3:1-17; Am 1:2; Sf 3:6-8; Zc 12:1-9).<sup>25</sup>

Assim como Satanás será destruído no contexto da Nova Jerusalém, que descerá sobre o Monte das Oliveiras após o milênio,<sup>26</sup> poderia o simbolismo de Jerusalém ter algum papel no cenário do Armagedom? O espaço não permite explorar essa questão. Mas podemos afirmar que o símbolo do monte santo de Deus, cobijado pelo anjo caído, está no centro do conflito cósmico.

### Vitória cósmica

O Armagedom é uma guerra cósmica com várias frentes de batalha, incluindo aspectos intelectuais, espirituais, políticos, econômicos e até militares. Envolverá uma confederação das forças do mal e dos poderes da Terra para perseguir o povo de Deus. Não se trata de uma guerra no Oriente Médio ou do Ocidente contra o Oriente. No entanto, Satanás poderia eventualmente englobar Jerusalém em seu plano de contrafação,

devido ao seu simbolismo. No fim, Cristo vem para libertar os fiéis, combater os inimigos de Seu povo e destruir a estrutura do mal, tendo esse cenário como epicentro do conflito.

O Armagedom não é uma guerra convencional. Na verdade, as guerras nunca são combates puramente militares. Toda guerra tem uma narrativa, uma justificativa legal e uma batalha de propagandas ideológicas. Argumentar que o Armagedom é uma batalha entre nações é ignorar a natureza da guerra cósmica entre o bem e o mal; dizer que é um mero símbolo significa confundir o aparato ideológico da guerra com a batalha em si.

Independentemente da interpretação, a mensagem central do Armagedom é a derrota definitiva do mal e o triunfo de Deus, trazendo esperança e encorajamento aos crentes sobre a soberania e a justiça divina. A narrativa do Armagedom é um chamado à decisão final no campo de batalha cósmico da Terra. ■

### Referências

- <sup>1</sup> Cf. Donald Ernest Mansell, *Adventists and Armageddon* (Nampa, ID: Pacific Press, 1999); e Carlos Elías Mora, "Una Revisión de la Concepción Adventista Sobre el Armagedón", *Advenimiento* (2004), v. 1, p. 49-55.
- <sup>2</sup> Hans K. LaRondelle, "Armageddon: History of Adventist Interpretations", em *Symposium on Revelation—Book II*, ed. Frank B. Holbrook (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), p. 435-444.
- <sup>3</sup> James White, "Thoughts on the Great Battle", *Advent Review and Sabbath Herald*, 21 de janeiro de 1862, p. 61.
- <sup>4</sup> Cf. Ellen G. White, Manuscrito 175, 1899; e Donald E. Mansell, "Armagedom", *Enciclopédia Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 674, 675.
- <sup>5</sup> Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 128.
- <sup>6</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 6, p. 17.
- <sup>7</sup> São eles: (1) "um ponto geográfico na Palestina, como o vale de Josafá ou monte Tabor"; (2) "'monte do sacrificio' com base em Zacarias 12:11"; (3) "os 'lugares montanhosos' de Megido, incluindo o monte Carmelo"; (4) "a cidade de Megido"; (5) "o 'monte frutífero' ou a 'cidade frutífera'"; (6) "o 'monte da assembleia'"; e (7) "um monte mítico" (Jon Paulien, *Armageddon at the Door* [Hagerstown, MD: Review and Herald, 2008], p. 53).
- <sup>8</sup> Cf. Hans K. LaRondelle, "The Etymology of Har-Magedon (Rev 16:16)", *Andrews University Seminary Studies* (1989), v. 27, p. 69.
- <sup>9</sup> Cf. John Day, "The Origin of Armageddon: Revelation 16:16 as an Interpretation of Zechariah 12:11", em *Crossing the Boundaries*, ed. Stanley E. Porter, Paul Joyce e David E. Orton (Leiden: Brill, 1994), p. 315-326; Marko Jauhiainen, "The OT Background to Armageddon (Rev. 16:16) Revisited", *Novum Testamentum* (2005), v. 47, p. 385-387, 393; e Jon Paulien, "Armageddon", *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman (Nova York: Doubleday, 1992), v. 1, p. 394-395.
- <sup>10</sup> Charles C. Torrey, "Armageddon", *Harvard Theological Review* (1938), v. 31, p. 237-248; Meredith G. Kline, "Har Magedon: The End of the Millennium", *Journal of the Evangelical Theological Society* (1996), v. 39, p. 207-222; e Michael S. Heiser, *The Unseen Realm* (Bellingham, WA: Lexham, 2015), p. 368-375.
- <sup>11</sup> J. Scott Duvall, *Revelation* (Grand Rapids, MI: Baker, 2014), p. 217.
- <sup>12</sup> Grant R. Osborne, *Revelation* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002), p. 595, 596.
- <sup>13</sup> Sigve K. Tonstad, *Revelation* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2019), p. 230, 231.
- <sup>14</sup> Cf. Heródoto, *Histórias* 1.189-191.
- <sup>15</sup> Cf. Jay S. Casey, "Exodus Typology in the Book of Revelation" (tese de doutorado, Southern Baptist Theological Seminary, 1981).
- <sup>16</sup> Cf. Rodney Lawrence Thomas, *Magical Motifs in the Book of Revelation* (Londres: T&T Clark, 2010), p. 107-114.
- <sup>17</sup> Jon Paulien, *What the Bible Says About the End-Time* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1994, 1998), p. 136.
- <sup>18</sup> Ernst Lohmeyer, *Die Offenbarung des Johannes* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1953), p. 137.
- <sup>19</sup> William H. Shea, "The Location and Significance of Armageddon in Rev 16:16", *Andrews University Seminary Studies* (1980), v. 18, p. 160-162; Paulien, *Armageddon at the Door*, p. 57-60; e Ranko Stefanovic, *Revelação de Jesus Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 491.
- <sup>20</sup> Roland E. Loasby, "'Har-Magedon' According to the Hebrew in the Setting of the Seven Last Plagues of Revelation 16", *Andrews University Seminary Studies* (1989), v. 27, p. 131.
- <sup>21</sup> Meredith G. Kline, *God, Heaven, and Har Magedo* (Eugene, OR: Wipf and Stock, 2006), p. 49-51.
- <sup>22</sup> Exemplos de usos literais: Mt 14:13, 24:7; Mc 1:35, Lc 2:7; Jo 19:41; At 4:31; 1Ts 1:8. Exemplos de usos metafóricos: At 25:16; Rm 12:19; 1Co 14:16; Ef 4:27; Hb 8:7; 12:17.
- <sup>23</sup> Jacques B. Doukhan, *Secrets of Revelation* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002), p. 154.
- <sup>24</sup> Doukhan, *Secrets of Revelation*, p. 155.
- <sup>25</sup> Cf. Dennis E. Johnson, *Triumph of the Lamb* (Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2001), p. 234; e G. K. Beale, *The Book of Revelation* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), p. 838.
- <sup>26</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 548.



**Eduardo Franco**  
diretor da Faculdade  
de Teologia do Chile



# A DIDÁTICA DE CRISTO

Princípios pedagógicos  
de Jesus no evangelho  
de Mateus

A tarefa de ensinar está no coração da comissão evangélica dada por Jesus: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês” (Mt 28:19, 20). Essa foi uma tarefa que os discípulos desenvolveram com seriedade desde o início do seu ministério: “Tendo ouvido isto, logo ao amanhecer entraram no templo e ensinavam” (At 5:21). Dessa maneira, o ensino da fé foi a base do trabalho dos apóstolos, tanto para a evangelização de novas pessoas (At 8:31), quanto para a fundação e consolidação da nova geração de cristãos. Um exemplo disso pode ser observado na estratégia missionária utilizada pelos apóstolos em Antioquia. Eles “se reuniram naquela igreja e ensinaram numerosa multidão” (At 11:26). O ensino era um aspecto tão importante que essa habilidade se tornou um requisito indispensável para a nomeação de um líder local: “apto para ensinar” (1Tm 3:2).

Este artigo apresentará o método de ensino de Jesus conforme descrito no livro de Mateus. Esse evangelho é notável por enfatizar o ministério de Cristo centrado no verbo “ensinar” (gr. διδάσκω), termo que é mencionado tanto no início quanto no fim do livro. Essa estrutura é claramente observada em Mateus 4:23, imediatamente antes do Sermão do Monte (5:1–7:29), e também na Grande Comissão (Mt 28:20). Exploraremos cinco princípios fundamentais que emergem dos discursos de Jesus e que podem ser aplicados tanto no contexto da igreja quanto na educação escolar.

## Escrituras

Mateus enfatiza logo no início a importância do ensino no ministério de Cristo. Após mencionar o batismo e as tentações de Jesus, o evangelista narra

que o Mestre percorreu toda a Galileia “ensinando nas sinagogas” (Mt 4:23). Essa descrição antecede o Sermão do Monte, o qual é iniciado com as seguintes palavras: “Ao ver as multidões, Jesus subiu ao monte. Ele se assentou e os Seus discípulos se aproximaram Dele. Então Ele passou a ensiná-los [ἐδίδασκεν]” (Mt 5:1, 2). Isso indica que o discurso registrado na sequência é composto de ensino e instrução, uma ideia reforçada pela postura sentada de Jesus, típica dos mestres ao educar seus discípulos.<sup>1</sup>

Em Seu sermão, Jesus deixa claro: “Não pensem que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, mas para cumprir” (Mt 5:17). O Seu compromisso com as Escrituras já havia sido destacado nas tentações no deserto com a expressão “está escrito” (Mt 4:1-10). O uso que Jesus faz das Escrituras demonstra não apenas Seu conhecimento profundo dos textos bíblicos, mas que Ele também seguia

uma hermenêutica rigorosa, conhecendo e respeitando o significado de cada passagem em seu contexto original antes de aplicá-las de maneira adequada em novas situações.<sup>2</sup> Jesus demonstrou que as Escrituras são o fundamento de Sua cosmovisão e de Seu ensino.

Uma poderosa evidência do papel fundamental das Escrituras no ensino de Jesus é a intertextualidade presente nas narrativas e discursos do evangelho de Mateus. Pelo menos 10 citações do Antigo Testamento são identificadas com a fórmula – embora com variações – “para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta”. O evangelista inicia e conclui a narrativa sobre o ministério de Jesus com essa fórmula. Em Mateus 4:14 a 16, vemos que Jesus habitou em Cafarnaum para cumprir as Escrituras, e Sua entrada triunfal em Jerusalém também é apresentada como sendo um cumprimento das profecias, conforme mencionado em Zacarias 9:9 (cf. Mt 21:4).

Outra faceta do papel fundamental das Escrituras é o seu uso extensivo ao confrontar a interpretação rabínica. Em Mateus 5:17 a 48, por exemplo, Jesus ensinou a correta interpretação da lei, que era contrária às diferentes interpretações religiosas de Sua época. A preferência de Jesus pela Torá sobre a tradição rabínica também se torna evidente na discussão sobre o “lavar das mãos” (cf. Mt 15:1-20).

Jesus evidenciou que o uso correto da Bíblia é essencial para o ensino e a pregação. Nossa doutrina, princípios hermenêuticos e cosmovisão devem emergir das Escrituras, que constituem o fundamento de toda nossa prática religiosa. Jesus não apenas fundamentou Seu ensino doutrinário nas Escrituras, mas também Sua prática, ensinando não apenas com palavras, mas com Sua própria vida.

### Exemplo

Quando Jesus deu aos discípulos a Grande Comissão, ordenou que ensinassem aos novos convertidos a guardar todas as coisas que Ele havia ordenado (cf. Mt 28:20). O teólogo Anthony Saldarini sugere que essa ordem abrange todo o conteúdo do evangelho

e o ensinamento de Cristo,<sup>3</sup> de modo que os novos convertidos devem aprender o que os discípulos aprenderam de Cristo. Um dos aspectos que os apóstolos deveriam assimilar está em Mateus 11:29: “Aprendam de Mim, porque sou manso e humilde de coração.” Esse trecho contém elementos essenciais para o ensino, especialmente considerando que Jesus é o foco do aprendizado dos discípulos.

“Aprendam” (gr. μάθετε) faz alusão a um processo de instrução intencional, seja formal ou informal; é ser ensinado em uma relação mestre-discípulo.<sup>4</sup> Jesus Se posiciona como quem compartilha a instrução e os discípulos são os aprendizes. O fato de que devem aprender “de Mim” (ἀπ’ ἐμοῦ, preposição + genitivo de fonte) identifica o próprio Jesus como a origem do conteúdo a ser aprendido pelos apóstolos. Isso implica que devem aprender não apenas do que Jesus indica, mas do que Ele é e faz.

Jesus não ensina meramente conceitos ou ideias; Ele apoia Seu ensino em Sua própria pessoa. O *ethos* de Jesus constitui o conteúdo encarnado do que deveria ser aprendido pelos apóstolos. A prática de Cristo é plenamente congruente com Seu discurso, sendo assim um perfeito exemplo daquilo que deseja que Seus discípulos aprendam. Essa ideia é reforçada pelas palavras: “Porque Eu lhes dei o exemplo, para que, como Eu fiz, vocês façam também” (Jo 13:15). Jesus oferece um modelo que deve ser aprendido e replicado. Seríamos capazes de repetir aos nossos membros as palavras de Paulo: “Sejam meus imitadores, como também eu sou imitador de Cristo” (1Co 11:1)?

### Proximidade

Um fator que se destaca ao observar a maneira como Jesus preparou os discípulos é a proximidade. Mais do que simplesmente Suas palavras, Seu convívio com eles os transformaria.

Ellen White escreveu: “A ilustração mais completa dos métodos de Cristo como educador encontra-se em Seu preparo dos doze primeiros discípulos. [...] No ensino de Seus discípulos, o Salvador seguiu o sistema de educação estabelecido no princípio. Estavam com Ele em casa, à mesa, em particular e no campo. Acompanhavam o Mestre em Suas viagens, participavam de Suas provações e dificuldades e, tanto quanto lhes era possível, participavam de Seu trabalho.”<sup>5</sup>

Após Jesus chamar os discípulos, o primeiro evento relatado por Mateus é o encontro deles à mesa com Cristo (Mt 9:10). Os relacionamentos são fortalecidos ao redor de uma mesa! Nessas ocasiões de convívio, os discípulos compartilharam experiências significativas, enquanto Jesus transmitia a eles Sua visão de Deus, do povo que segue o caminho estreito e da missão redentora.

Os laços de companheirismo com Jesus devem ser tão fortes que é necessário amá-Lo acima da própria família (Mt 10:37). Aqueles que deixarem posses ou família para segui-Lo serão recompensados no reino dos Céus (Mt 19:29). Isso não significa que Jesus nos chama para abandonar nossos familiares, mas sim a dar máxima prioridade ao nosso compromisso com Ele.

Jesus preparou os futuros líderes por meio da convivência diária. Por meio dessa comunhão, Ele moldou líderes para dirigir Sua igreja. Seus discípulos formaram o núcleo de uma comunidade mais ampla pela qual Cristo orou, desejando que permanecesse unida em amor. Esse amor se expressa em atitudes práticas, como perdoar o irmão (Mt 18:15-22) e atender às suas necessidades (Mt 25:40).

## Serviço

Desde os primeiros capítulos, o tema do serviço está centrado em Jesus, reconhecido como o Servo de Deus e, desde Seu nascimento, na pregação de João Batista e em Seu batismo, é referido como o Messias que veio para servir.<sup>6</sup>

No Sermão do Monte, a atitude de servir é apresentada como uma característica distintiva dos cidadãos do Reino. Primeiramente, devem escolher servir a Deus em vez de a si mesmos ou ao dinheiro (Mt 6:24). Além disso, o cidadão do Reino não existe para seu próprio benefício, mas para o benefício do mundo, simbolizado como sal (Mt 5:24) e luz (Mt 6:14-26). Deve manifestar uma atitude de serviço, amor e perdão, inclusive para com os inimigos (Mt 5:40-42). Cada um desses aspectos foi exemplificado por Jesus: ao atender às necessidades dos marginalizados e necessitados, alimentar cinco mil pessoas (Mt 14:20-31) e efetuar múltiplos milagres de cura. Jesus também ensinou que o serviço é uma qualidade daqueles que aguardam Sua volta (Mt 25:40).

No fim de Seu ministério, Jesus abordou o tema do serviço no contexto do papel de liderança que Seus discípulos deveriam desenvolver. Ele tratou do tema de maneira mais explícita após o pedido pelos primeiros lugares

por parte de Tiago e João, dizendo-lhes: “Quem quiser tornar-se grande entre vocês, que se coloque a serviço dos outros; e quem quiser ser o primeiro entre vocês, que seja servo de vocês; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:26-28).

Da mesma forma, o líder espiritual deve exercer seu papel de ensinar por meio do serviço, motivado pela essência de Deus: o amor.

## Amor

Em Mateus 22:34-40, Jesus resume Seu ensinamento e destaca o amor a Deus e ao próximo como o maior mandamento, aquele em que se resume a lei e os profetas (cf. Dt 6:5; Lv 19:18). John Peckham observa que o amor é o princípio que fundamenta o governo de Deus no Universo.<sup>7</sup> A própria encarnação é um ato de amor, e os cidadãos do Reino também são chamados a amar (Mt 5:38-47). No entanto, o amor não nasce naturalmente no ser humano; é uma resposta Àquele que nos amou primeiro: Deus. O amor como aspecto fundamental do caráter dos seguidores de Cristo é mencionado imediatamente antes do convite para ser perfeito como Deus é perfeito (v. 48). Portanto, é compreensível que os seguidores de Cristo devam ter um caráter amoroso, semelhante ao de Deus. De fato, no Sermão do Monte, Jesus define os cidadãos do Reino como aqueles que amam até seus inimigos (Mt 5:44).

A função educativa do amor é essencial para revelar o caráter de Deus e despertar a fé nos recém-convertidos. Isso é evidenciado nas palavras de Jesus: “Nisto todos conhecerão que vocês são Meus discípulos: se tiverem amor uns aos outros” (Jo 13:35). Para o líder espiritual, cujo propósito é ensinar os fundamentos da fé, demonstrar amor a Deus e ao próximo em sua própria vida é vital. Somente assim ele poderá comunicar a fé de modo que outros também creiam.

## Conclusão

Nosso ensino deve se fundamentar nas Escrituras, exigindo uma hermenêutica que respeite o sentido original do texto e o aplique corretamente ao contexto presente. Assim como Jesus, o líder espiritual deve modelar em sua própria vida o que deseja que seus membros e alunos aprendam. O princípio da proximidade indica que o ensino deve ser próximo e íntimo, não distante. Além disso, o educador deve demonstrar, tanto na prática profissional quanto no caráter pessoal, genuína disposição ao serviço, princípio que guiou o ministério de Cristo. Por fim, o educador deve ser guiado pelo princípio do amor, que não apenas fundamenta o governo de Deus, mas também evidencia um discipulado que ensina seguindo o exemplo de Jesus. ■

## Referências

- 1 Michael J. Wilkins, *Matthew, Mark, Luke: Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2002), v. 1, p. 34.
- 2 Donald C. McIntyre, “The Testing of Jesus in Light of the Dead Sea Scrolls and Intertextual Hermeneutics”, *Eleutheria* (2021), v. 5, p. 9.
- 3 Anthony J. Saldarini, *Matthew* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2003), p. 1062.
- 4 D. Müller, “Discípulo”, *The New International Dictionary of New Testament Theology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986), v. 1, p. 488.
- 5 Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Pulicadora Brasileira, 2021), p. 59.
- 6 Yigal Levin, “Jesus, ‘Son of God’ and ‘Son of David’: The ‘Adoption’ of Jesus into the Davidic Line”, *Journal for the Study of the New Testament* (2006), v. 28, p. 424.
- 7 John C. Peckham, *The Love of God: A Canonical Model* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2015).



**Carlise Bulati**  
advogada do  
Instituto Adventista  
de Tecnologia, em  
Hortolândia, SP

# CUIDADOS NO MUNDO VIRTUAL

**A interação com a tecnologia é uma realidade na vida de qualquer ser humano, e isso não é diferente no cotidiano de um pastor. Diariamente, experimentamos essa conexão por meio de dispositivos que nos possibilitam acesso instantâneo ao mundo virtual, diretamente na palma da mão e com apenas alguns cliques.**

O ambiente virtual oferece uma conexão tecnológica de alcance extremamente amplo. Segundo dados de 2024 do *Meltwater*, a média global de indivíduos usando a internet é de 66,2%, com índices ainda mais altos na América do Sul, alcançando 82,5% (acesse: [link.cpb.com.br/5c21b3](http://link.cpb.com.br/5c21b3)).

Essa facilidade de conexão permite uma influência significativa na vida de qualquer pessoa, podendo gerar consequências tanto positivas quanto negativas. Nesse contexto, é evidente que todo ato realizado por uma pessoa de relevância no meio virtual, como aconselhar, compartilhar conteúdo ou manifestar seus princípios e opiniões, produz efeitos na vida daqueles que têm acesso a essa informação.

Em nosso dia a dia, em quem podemos confiar? Geralmente, confiamos naquelas pessoas com quem

temos um relacionamento próximo, como pais, demais familiares, amigos, professores e, inclusive, pastores. Nessa perspectiva, é importante destacar que um pastor, ao conquistar essa confiança, precisa manter um equilíbrio entre respeito e responsabilidade no ambiente virtual. Sua influência no mundo digital é significativa, pois atua como representante da igreja e propagador da fé e dos princípios bíblicos. Esses cuidados no ambiente virtual são essenciais para atender às necessidades emocionais e espirituais das pessoas.

Com o avanço da tecnologia, torna-se natural elaborar estratégias evangelísticas que ampliem o trabalho pastoral para propagar a mensagem do amor de Deus. Para isso, muitas ferramentas e plataformas são utilizadas, como redes sociais, videoconferências, canais de transmissão, blogs, sites e aplicativos de mensagens. No entanto, esses avanços também trazem desafios, como a falta de conexão pessoal e a diminuição da sensação de pertencimento a uma comunidade por parte dos membros.

Outro desafio é manter a privacidade e a confidencialidade das conversas pastorais realizadas em ambientes digitais. É crucial priorizar plataformas seguras e estabelecer diretrizes claras para proteger as informações dos fiéis. Além disso, é importante abordar a desigualdade digital, pois muitos membros ainda não possuem acesso igualitário aos cuidados pastorais virtuais. Uma alternativa é buscar soluções inclusivas, como materiais impressos ou gravados e atendimento presencial.

É comum utilizar redes sociais pessoais para divulgar eventos, programações e ações da igreja local. Antes de utilizar esses recursos, é importante refletir:

- Devo postar essa foto?
- Esse comentário pode ofender alguém?
- É apropriado curtir esse conteúdo?
- Posso compartilhar essa informação? Verifiquei se é verdadeira?
- Seguir esse perfil me faz bem?
- Esses serviços que se conectam à minha conta são corretos?

É fundamental cuidar do que está sendo exposto e refletir sobre a mensagem que está sendo transmitida. Proteger seus dados na internet é essencial, pois uma vida digital mais segura faz toda a diferença e ajuda a prevenir golpes. Com isso em mente, aqui estão algumas orientações de segurança da informação:

- Use senhas fortes nas redes sociais, aplicativos e sites. Altere-as regularmente, de preferência a cada seis meses ou um ano;
- Crie senhas com no mínimo oito caracteres, incluindo números, símbolos e letras minúsculas e maiúsculas;
- Não anote senhas em papéis ou blocos de notas de celular. Priorize uma opção segura como serviços de gerenciadores de senhas. Outra opção é memorizar a senha de um e-mail no qual poderá solicitar a atualização/recuperação das demais senhas.
- Use uma senha exclusiva para seu e-mail. Confira a procedência de endereços e links, e tenha muito cuidado ao realizar *downloads*;
- Habilite a autenticação em dois fatores nos serviços de WhatsApp, Instagram, Google, X, Tik Tok, entre outros. Essa autenticação pode ser ativada nas configurações dos aplicativos, na aba de privacidade/segurança;
- Atualize sempre o sistema do seu Iphone (IOS), Android ou Windows para a versão mais recente. Assim como um *recall* de carro corrige defeitos de fabricação, essas atualizações corrigem *bugs* para aumentar a segurança;
- Use sempre antivírus;
- Tenha cuidado com *links*. Prefira acessar sites pelo navegador ou pelo aplicativo correspondente;
- Ao acessar aplicativos importantes, como os de bancos, utilize acesso biométrico;
- Ao fazer compras on-line, certifique-se da reputação do site. Verifique se a URL começa com “https” e se possui um cadeado. Para pagamentos, utilize cartões virtuais habilitados para compras únicas, que são mais seguros, ou pague por PIX ou boletos, que solicitam menos informações. Verifique atentamente a procedência.

Ter uma vida digital segura exige atenção, uma vez que os efeitos podem gerar responsabilidades jurídicas sérias, e isso vale para qualquer país.

No Brasil, por exemplo, é possível realizar consultas em tempo real através do sistema Registrato do Banco Central. Para acessá-lo, o usuário precisa se autenticar pelo gov.br no nível prata ou ouro. Isso permite verificar pendências financeiras abertas em seu nome, tanto vencidas quanto a vencer, facilitando a identificação de movimentações financeiras não autorizadas e possibilitando uma resolução eficaz antecipada. Outro método relevante é acessar o site Consulta Pré-Pago ([link.cpb.com.br/15ca4c](http://link.cpb.com.br/15ca4c)) para verificar os números de celular pré-pago vinculados ao seu CPF, o que ajuda a identificar linhas desconhecidas associadas ao seu nome.

O mundo virtual, assim como o mundo físico, é utilizado para propósitos tanto positivos quanto negativos, representando um grande conflito no qual

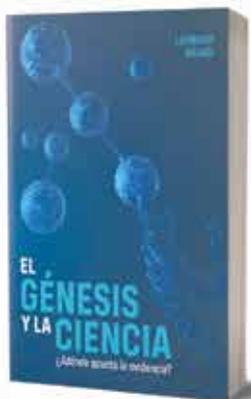
o conhecimento pode ser libertador. Integrar o mundo digital na prática pastoral exige estratégias eficazes. Investir em capacitação contínua para se familiarizar com as tecnologias e melhores práticas nesse ambiente é fundamental. As novas tecnologias e os cuidados pastorais estão em constante transformação para adaptar-se às inovações, visando alcançar os fiéis no mundo virtual. Isso requer conhecimento, responsabilidade e respeito. ■



**Comentário Bíblico  
Andrews, v. 1**

Ángel Manuel Rodríguez (ed.)  
CPB, 2024, 840 p.

Ter uma fonte confiável para obter informações sobre o contexto histórico-cultural e os aspectos literários e teológicos de passagens bíblicas é fundamental, especialmente para aqueles que frequentemente pregam e ensinam a Bíblia. Para quem ama estudar a Palavra de Deus e deseja enriquecer sua devoção pessoal, suas aulas e seus sermões, o *Comentário Bíblico Andrews* é um recurso inestimável, somando-se às ferramentas da *Bíblia de Estudo Andrews*. Fruto do trabalho colaborativo de aproximadamente 60 teólogos de todos os continentes, esta obra compila o que há de mais relevante e atual na pesquisa acadêmica em teologia, religião, arqueologia e disciplinas correlatas. Em português, o comentário será lançado em quatro volumes, sendo que o primeiro deles (cobrindo os livros de Gênesis a Ester) já está disponível.



**El Génesis y la Ciencia**

Leonardo Brand  
Aces, 2022, 142 p.

Todas as cosmovisões estão baseadas em suposições. Podemos assumir que existe um Deus ou que não existe, que a vida começou com um design inteligente ou sem ele, que o Universo se gerou por si mesmo ou que Deus o fez. O problema com as suposições é que elas tendem a dificultar a formulação de perguntas. Novas pesquisas científicas estão colocando à prova algumas das suposições fundamentais que sustentam as arraigadas teorias naturalistas da comunidade evolucionista. O autor desafia o leitor a abordar essas questões polarizadoras com mente aberta, e a considerar reflexivamente as opções.



**Política: O que Você  
Precisa Saber**

Marcos De Benedicto  
CPB, 2022, 160 p.

Poucos assuntos despertam reações tão fortes quanto a política. Especialmente em época de eleições, as emoções afloram. Mas, afinal, como ela surgiu? Qual é o melhor regime político? O que diz a Bíblia sobre a política? É possível ser político sem comprometer a fé? Que tipo de candidato merece seu voto? O que a visão escatológica bíblica tem que ver com política? Sistemas políticos. Democracia. Exercício do poder. Voto consciente. Política e religião. Igreja e estado. Liberdade religiosa. Polarização. Imperialismo. Filosofia da história. Essas são algumas questões que este livro discute com sensibilidade e equilíbrio.



**Fama, Dinheiro e  
Influência**

Katelyn Beaty  
Mundo Cristão, 2024, 232 p.

Em tempos tão midiáticos, a cultura da celebridade tem permeado o cenário religioso como nunca antes, utilizando uma ampla gama de plataformas para disseminar a fé em escala global. Ao analisar esse cenário, esta obra não apenas destaca a importância de resistir às tentações inerentes à cultura da celebridade, mas também propõe uma abordagem aprofundada sobre o fenômeno dos *influencers*. A autora explora ainda como a busca pela fama tem reconfigurado a igreja, expondo seus impactos adversos, além de mostrar como a cultura evangélica tem sido particularmente atraída por líderes carismáticos em detrimento das instituições.

**Eric Richter**

editor associado da  
revista *Ministério*,  
edição em espanhol

# ESCRITO EM PEDRA

**Ao longo da Bíblia, há várias referências** a textos escritos literalmente em pedras. Por exemplo, os Dez Mandamentos foram registrados em “duas tábuas de pedra, escritas com o dedo de Deus” (Dt 9:10). Da mesma forma, os nomes das doze tribos de Israel foram gravados em doze pedras preciosas que faziam parte da vestimenta do sumo sacerdote (Êx 28:15-30).

Além disso, o povo de Deus usou pedras para erguer monumentos e memoriais. Jacó, por exemplo, levantou uma pedra em Betel como “sinal” da constante presença de Deus em sua vida e de sua promessa de devolver o dízimo ao Criador (Gn 28:18-22). Da mesma forma, Samuel erigiu uma pedra chamada “Ebenézer” para celebrar a ajuda divina na derrota dos filisteus (1Sm 7:12).

Um dos episódios mais notáveis ocorreu após a travessia do rio Jordão pelo povo de Israel. Moisés havia deixado instruções claras para a construção de um altar no qual seriam oferecidos holocaustos e gravada a lei de Deus (Dt 27:4-8). Seguindo essas diretrizes, Josué selecionou um representante de cada tribo e ordenou que retirasse uma pedra do leito do rio Jordão (Js 4:4, 5). Após erguer o altar, ele explicou ao povo que, no futuro, quando seus

descendentes perguntassem sobre o significado das doze pedras, deveriam relatar a proteção divina desde a saída do Egito até a entrada na Terra Prometida. Assim, essas pedras se tornariam um memorial perpétuo para os filhos de Israel (v. 7).

É notável como Deus instrui Seu povo a recordar os milagres e livramentos do passado. Lembrar as ações divinas na história fortalece nossa fé no presente. Na narrativa da travessia do Jordão, há não apenas um convite para manter viva a memória, mas também uma orientação para utilizar os vestígios materiais do passado (neste caso, o altar de doze pedras) como um memorial da atuação divina.

Lamentavelmente, o altar de doze pedras não existe mais ou, pelo menos, ainda não foi encontrado. No entanto, a arqueologia tem feito avanços significativos ao desenterrar e revelar inúmeros vestígios dos tempos bíblicos, como cidades, inscrições e objetos do cotidiano. Essas descobertas lançam luz sobre a vida do povo de Israel na antiguidade e ajudam a contextualizar e compreender melhor o texto bíblico.

Embora a interpretação da evidência arqueológica nem sempre seja fácil e ainda haja muito a ser descoberto e decifrado, a arqueologia bíblica desempenha um papel valioso na compreensão da Bíblia. Um exemplo recente é um estudo de datação por radiocarbono realizado em 2023, que confirmou que a antiga cidade de Gezer foi destruída e reconstruída durante o 10<sup>o</sup> século a.C. ([link.cpb.com.br/1cd3c6](http://link.cpb.com.br/1cd3c6)). Esse achado coincide perfeitamente com o relato bíblico, que descreve como o faraó do Egito conquistou e queimou a cidade para dá-la a Salomão como parte do dote de sua filha. O rei Salomão, por sua vez, se encarregou de reconstruí-la e fortificá-la (1Rs 9:15-17).

Ao observar como a arqueologia confirma e ilumina as histórias bíblicas, temos a oportunidade de examinar os vestígios do passado e fortalecer nossa fé. Podemos considerá-los memoriais que nos falam da veracidade da Palavra de Deus e da confiabilidade das ações de Deus para Seu povo. Assim como Deus protegeu e guiou o povo de Israel e cuidou dele no passado – conforme evidenciado tanto pela Escritura quanto pela arqueologia – podemos ter a certeza de que o mesmo Deus deseja nos salvar, nos guiar e nos proteger hoje. ■



**Lembrar as  
ações divinas  
na história  
fortalece nossa  
fé no presente.**



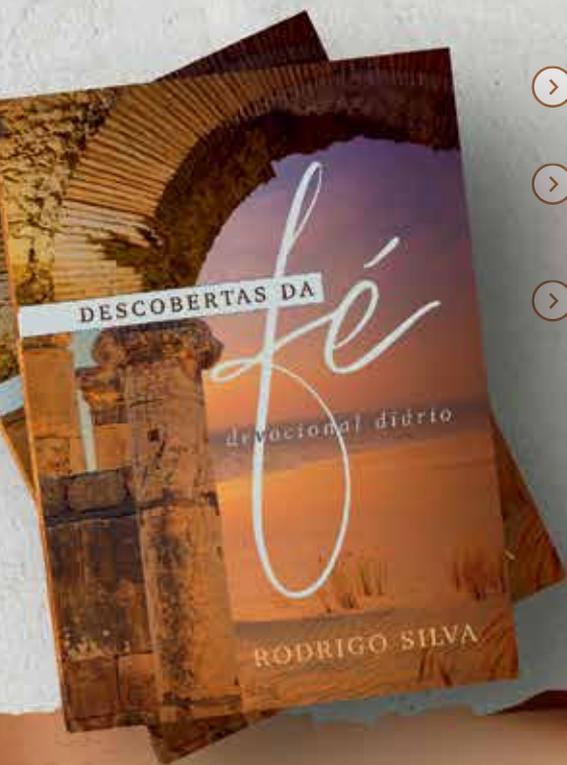
# Descubra o propósito de Deus para sua vida.

>> LANÇAMENTO <<

ADQUIRA SEU DEVOCIONAL E VIVA UM ANO EXTRAORDINÁRIO!

[cpb.com.br/rodrigossilva](http://cpb.com.br/rodrigossilva)

- Encontre histórias inspiradoras;
- Desfrute uma leitura aconchegante;
- Viva momentos que vão reavivar seu relacionamento com Deus.



MKT CPB | Adobe Stock | Foto: William Moraes

[cpb.com.br](http://cpb.com.br) • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910  
[atendementolivrarias@cpb.com.br](mailto:atendementolivrarias@cpb.com.br)

**CPB**  
*pra toda a vida*

Baixe o Aplicativo CPB



    /cpbeditora